

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS
MESTRADO EM POLÍTICA SOCIAL

**PERFIL DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO EXTREMO SUL DO BRASIL:
ESTRUTURA, APLICAÇÃO E AVALIAÇÃO**

Rita de Cássia dos Santos

**Pelotas
2010**

Rita de Cássia dos Santos

**PERFIL DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO EXTREMO SUL DO BRASIL
ESTRUTURA, APLICAÇÃO E AVALIAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Política Social.

Professora: Prof.^a Dr.^a Elaine Tomasi

**Pelotas
2010**

SANTOS, Rita de Cássia dos

Perfil da Educação a Distância no Extremo Sul do Brasil: estrutura, aplicação e avaliação.

Pelotas, UCPel, 2010

p. 111.

Dissertação (Mestrado) Universidade Católica de Pelotas,
Mestrado em Política Social. Pelotas, RS – BR, 2010

Orientadora Prof.^a Dr.^a TOMASI, Elaine

Rita de Cássia dos Santos

**PERFIL DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO EXTREMO SUL DO BRASIL
ESTRUTURA, APLICAÇÃO E AVALIAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Política Social.

Professora: Prof.^a Dr.^a Elaine Tomasi

BANCA EXAMINADORA

Prof.^o Dr.^o Alexandre Jesus da Silva Machado - FURG

Prof.^a Dr.^a Vini Rabassa da Silva – UCPel

Orientadora – Prof.^a Dr.^a Elaine Tomasi

Dedico esta dissertação ao grande e verdadeiro amor da minha vida, Dany Cardozo, sem ele nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

Faço um agradecimento especial a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Elaine Tomasi, que aceitou o desafio de me orientar dedicando seu tempo e sua paciência e mesmo nos piores momentos me incentivou a continuar e não desistir. Aprendi com esta grande mestre que ser professor não é apenas fazer sempre a mesma coisa, mas sim fazer cada vez melhor as coisas que a vida nos propõe.

A professora Dr.^a Vini Rabassa pelos importantes ensinamentos durante todo o curso e pelas contribuições durante a qualificação do meu projeto.

Um especial agradecimentos ao Prof.^o Dr.^o Alexandre Jesus da Silva Machado da FURG que me recebeu como se eu tivesse sido sua aluna durante todo o mestrado e com sua paciência e experiência fez sugestões valiosas para realização deste trabalho.

A minha amiga, a Pedagogia Lidia Maria Borges da Silva, que durante meses, incansavelmente, debateu o tema de minha dissertação, sendo tal ajuda de fundamental importância para a realização deste projeto.

A todos os Coordenadores e Gestores de Polos que abriram suas portas, dedicaram seu tempo e responderam meus questionamentos.

Finalmente, ao principal colaborador deste projeto de vida, meu esposo Dany Cardozo, que dirigiu aproximadamente 80.000 Km por horas a fio, tendo conversas sociológicas intermináveis e mesmo assim não desistiu. A você minha vitória!

RESUMO

Este trabalho descreve o perfil da educação a distância no Extremo Sul do Brasil, analisando sua estrutura, aplicação e avaliação. Trata-se de um estudo de caso, onde foram visitados 13 pólos de apoio presencial nos municípios de Pelotas, Rio Grande e Santa Vitória do Palmar. A coleta de dados se deu através de dois questionários, com informações sociodemográficas, comportamentais, ocupacionais e técnicas, além do instrumento SINAES para avaliar a qualidade dos pólos de EAD. O questionário foi aplicado a 108 estudantes, a maioria do sexo feminino (68%), com renda inferior a 3 salários mínimos (2/3) e cursando sua primeira graduação (96%). Dos pólos visitados 62% deram início às suas atividades entre os anos de 2006 e 2007, todos utilizam pelo menos um encontro presencial por semana e contam com tutores em sala de aula. Dos tutores pesquisados 36% possuem apenas graduação, 56% são especialistas e 8% possuem mestrado. De forma geral os alunos encontram-se satisfeitos tanto com a Instituição de Ensino Superior quanto com o Pólo de Apoio Presencial. Além disso os dados indicaram que pessoas com menor poder aquisitivo são os maiores consumidores do ensino a distância. Sendo assim pode-se considerar que se existirem políticas sociais que se utilizem do ensino a distância para inclusão na área educacional, como é o caso da UAB (Universidade Aberta do Brasil), podemos diminuir significativamente a marginalização educacional existente atualmente em nosso país, acarretando conseqüentemente uma maior inclusão social.

Palavras-chave: Educação a Distância. Tecnologia Educacional. Política Educacional. Inclusão Social.

ABSTRACT

This paper describes the profile of distance education in Southern Brazil, analyzing its structure, implementation and evaluation. This is a case study, where they visited 13 supporting poles face in the cities of Pelotas, Rio Grande and Santa Vitória do Palmar. Data collection took place through two questionnaires, with sociodemographic, behavioral, occupational and techniques, as well SINAES instrument to assess the quality of the poles of EAD. The questionnaire was administered to 108 students, mostly female (68%) with incomes below three minimum wages (2/3) and studying their first degree (96%). Visited 62% of the poles started their activities between the years 2006 and 2007 all use at least one classroom meeting per week and have tutors in the classroom. 36% o tutors surveyed have only degree, 56% are specialists, and 8% have master's degree. In general students were satisfied with both the Higher Education Institution and with the support pole to Face. Furthermore the date indicate that people with lower income are the biggest consumers of distance education. Thus we can consider that if there social policies that use of distance learning for inclusion in education, such as the UAB (Open University of Brazil), we can significantly reduce the existing educational marginalization in our country today, causing consequently a more social inclusion.

Keywords: Distance Education. Educational Technology. Educational Policy. Social Inclusion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ano de início das atividades dos pólos de apoio presencial de Educação a Distância.

Figura 2 – Demonstrativo de formação ao nível de Graduação dos Coordenadores de Pólo.

Figura 3 – Demonstrativo de formação ao nível de Especialização dos Coordenadores de Pólo.

Figura 4 – Demonstrativo da formação em EAD dos Coordenadores de Pólo.

Figura 5 – Demonstrativo da formação ao nível de Graduação do Chefe da Secretaria.

Figura 6 – Demonstrativo da formação ao nível de Especialização do Chefe da Secretaria.

Figura 7 – Demonstrativo da formação dos Tutores Presenciais.

Figura 8 – Demonstrativo do número de alunos atendidos por Tutor Presencial.

Figura 9 – Demonstrativo do grupo de renda dos alunos.

Figura 10 – Demonstrativo da percepção dos alunos sobre os tutores presenciais.

Figuras 11 e 12 – Demonstrativo do índice de satisfação dos alunos com a IES.

Figura 13 – Demonstrativo da satisfação dos alunos com o Pólo de Apoio Presencial.

Figura 14 – Demonstrativo da satisfação geral dos alunos.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Definições do Ensino a Distância

Quadro 2 – Gerações da Educação a Distância

Quadro 3 – Mudanças entre os modelos antigos e novos de aprendizagem

Quadro 4 – Categorias de análises: organização institucional

Quadro 5 – Categorias de análises: corpo social

Quadro 6 – Categorias de análises: infraestrutura

Quadro 7 – Associação das perguntas da entrevista às variáveis do modelo (IHEP).

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Pesos dos Indicadores do SINAES

LISTA DE SIGLAS

EAD – Educação a Distância.

UNITINS – Fundação Universidade do Tocantins.

FAEL – Faculdade Educacional da Lapa.

EADCON – Sociedade Civil de Educação Continuada.

IES – Instituição de Ensino Superior.

SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior.

IHEP – Institute for Higher Education Policy.

UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí.

MEC – Ministério da Educação

DOU – Diário Oficial da União.

PROUNI – Programa Universidade para todos.

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
Teixeira.

TIC – Tecnologia de Informação e da Comunicação.

MEB – Movimento de Educação de Base.

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

SESC – Serviço Social do Comércio.

IUB – Instituto Universal Brasileiro.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	
RESUMO	
ABSTRACT	
LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE QUADROS	
LISTA DE TABELAS	
LISTA DE SIGLAS	
1 – INTRODUÇÃO	15
2 – REVISÃO DE LITERATURA	
2.1 – Tecnologia Educacional	18
2.2 – Ciberespaço	20
2.3 – Educação a Distância	21
2.3.1 - Ensino a Distância ou Educação a Distância?	21
2.3.2 – Conceito de EAD	22
2.4 – Histórico da Educação a Distância	31
2.4.1 – Educação a Distância no mundo	31
2.4.2 – Educação a Distância no Brasil	33
3 – Qualidade do Ensino a Distância	43
3.1 – Fatores críticos em relação ao sucesso do ensino a distância	43
3.2 – Formas de recepção do ensino a distância	47
3.3 – Modelos antigos e novos de aprendizagem	49
3.4 – Tecnologias utilizadas na EAD	50
3.4.1 – Audioconferência	50
3.4.2 – Teleconferência	51
3.4.3 – Videoconferência	51
3.4.4 – Webconferência	52
3.5 – Estruturas em EAD	52
3.5.1 – Perfil dos Alunos	53
3.5.2 – Polo de Apoio Presencial	55
3.5.3 – Tutor Presencial	57
3.5.4 – Web Tutor ou Tutor a Distância	60

4 – METODOLOGIA	
4.1 – Delineamento	61
4.2 – Amostra	61
4.3 – Instrumentos	63
4.3.1 – SINAES	63
5 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	
5.1 – Formas de Recepção	77
5.2 – Comunicação e Interatividade	78
5.3 – Cursos e habilitações ofertados	78
5.4 – Coordenadores de Pólo	78
5.5 – Chefe da Secretaria	80
5.6 – Tutores	81
5.7 – Chefe da Biblioteca	83
5.8 – Estrutura Física do Pólo	84
5.8.1 – Sala do Coordenador de Pólo	84
5.8.2 – Sala para Tutoria	84
5.8.3 – Espaço de Convivência	84
5.8.4 – Secretaria Acadêmica	85
5.8.5 – Laboratório de Informática	85
5.8.6 – Biblioteca	85
5.8.7 – Sanitários e Acesso aos PNE	86
5.9 – Alunos	86
5.9.1 – Satisfação com a IES	88
5.9.2 – Satisfação com o Pólo	89
5.9.3 – Satisfação Geral	90
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	93
ANEXOS	98

1 – Introdução

Vivemos num mundo globalizado e capitalista, marcado por paradoxos e contradições, retratados em seu caráter difuso e articulado. Assim, segundo Ianni (2000, p.144):

Na época da globalização modificam-se mais ou menos radicalmente as condições sob as quais se desenvolvem a teoria e a prática da Política. Em primeiro lugar, a globalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório, propicia o desenvolvimento de relações, processos e estruturas de dominação política e apropriação econômica de alcance mundial. Alteram-se as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais, no âmbito de uma vasta, complexa e contraditória sociedade civil mundial em formação. Isto significa a emergência e dinâmica de grupos sociais, classes sociais, estruturas de poder, acomodações, tensões e lutas em escala mundial. Em segundo lugar, no bojo desse mesmo processo de globalização político-econômica e sociocultural, desenvolvem-se tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas que agilizam, intensificam e generalizam as articulações, as integrações, as tensões, os antagonismos, as fragmentações e as mudanças sócio-culturais e político-econômicas pelos quatro cantos do mundo. Em terceiro lugar, e simultaneamente a todos os desenvolvimentos, nexos, contradições e transformações em curso, desenvolve-se uma nova configuração histórico-social de vida, trabalho e cultura, desenhando uma totalidade geostórica de alcance global, compreendendo indivíduos e coletividades, povos, nações e nacionalidades, culturas e civilizações. Esse é o novo e imenso palco de história, no qual se alteram mais ou menos radicalmente os quadros sociais e mentais de referências de uns e outros, em todo o mundo.

Essa dinâmica social, balizada por dominação econômica em escala mundial evidencia o processo e o desenvolvimento de relações sociais, porém ao alterar as configurações de sociabilidade, viabiliza, paradoxalmente, o nascimento de grupos sociais, classes sociais e lutas em escala mundial.

É neste panorama de mudanças sociais, energizadas pela crescente diferenciação dos espaços geopolíticos e pelo significativo e disparo avanço tecnológico que se concretizam mudanças no universo do trabalho e da produção. Constitui-se, por conseguinte, um espaço contraditório, em que se criam e se desenvolvem novas tecnologias úteis à integração e, paradoxalmente, a novas formas de inclusão dependentes. Tal processo não é resultado do avanço das novas tecnologias, mas sim do novo modo capitalista que transforma as relações de sociabilidade e, naturalmente, a integração entre

as forças sociais, que apoiadas na hegemonia do *ethos*¹ privado, recebem a influência das tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas.

Em tal situação países como o Brasil, que conta com um elevado avanço, tecnológico e, ao mesmo tempo, com parte de sua população em circunstâncias de extrema pobreza, além de possuir em sua história momentos que evidenciam as intensas desigualdades sociais e conseqüentemente acumula vários outros desafios. Sendo um dos maiores desafios que o Brasil tem atualmente a ampliação dos direitos sociais e coletivos, tais como: habitação, saúde e educação.

A evolução tecnológica vem acontecendo em uma velocidade cada vez maior. É essa evolução que pode tornar o homem mais consciente do seu papel na sociedade ao mesmo tempo em que consegue descobrir o porquê de muitas coisas.

É importante afirmar que a tecnologia muda os meios de comunicação de massa, os meios de ensino e aprendizagem dentro da sala de aula e o próprio conceito de sala de aula.

A nova sociedade decorrente da revolução tecnológica e de seus desdobramentos na produção e na área da informação oferece à educação novas perspectivas de autonomia. Isto ocorre na medida em que o desenvolvimento humano passa a coincidir com o que se espera na esfera da produção.

Podemos perceber que vivemos um cenário de contrastes quando o assunto é a democratização do acesso às novas tecnologias na escola. Esta, mais uma vez, é um espelho do que ocorre na sociedade, apenas refletindo a exclusão digital na qual vive a maior parte dos brasileiros.

A preocupação com o impacto que as mudanças tecnológicas podem causar no processo ensino-aprendizagem impõe à área da educação a tomada de posições entre tentar compreender as transformações do mundo, produzir conhecimento pedagógico, ou simplesmente dar as costas para a atual realidade da nossa sociedade baseada na informação (SAMPAIO; LEITE, 2000).

¹ *Ethos*: caráter; formação moral; costumes; modo de pensar de um povo; voz pública da pátria.

Dessa forma, temos de avaliar o papel das novas tecnologias aplicadas à educação e pensar que educar utilizando as TIC (e principalmente a Internet) é um grande desafio que, até o momento, ainda tem sido encarado de forma superficial, apenas com adaptações e mudanças não muito significativas.

Nos últimos anos, inúmeras instituições aderiram a processos organizados, inovadores e transformadores de suas propostas educacionais, que obrigatoriamente englobam aspectos pedagógicos, administrativos, políticos e conceituais no ramo da educação. Tais conhecimentos foram desenvolvidos acerca de mudanças organizacionais, da elaboração de questões mais democráticas para a aprendizagem em educação, ainda pouco estruturadas, mas admitindo-as como uma nova área de atuação.

Essa adesão gerou a necessidade de encontrar novas opções de formação, amparadas numa reflexão acerca da práxis pedagógica, acerca dos avanços tecnológicos e a respeito dos fundamentos científicos de distintas áreas do conhecimento.

É nesse panorama que a Educação a Distância (EAD) foi criada como uma iniciativa estratégica de qualificação, que oferece oportunidades de formação integradas ao processo de trabalho e, ao longo desses anos, vem acumulando significativamente experiência, por meio dessa modalidade de educação. A EAD vem consolidando seu compromisso com a sustentabilidade de políticas públicas que concretizam uma melhora no fazer pedagógico.

Nesse contexto, se torna de fundamental importância a reflexão a respeito das políticas educacionais, assim como a compreensão dos complexos processos de sua regulamentação e regulação. A apreciação de indicadores educacionais e seus desdobramentos tornam-se, assim referência fundamental na identificação dos limites e desafios para a concretização de políticas educacionais.

2 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 – Tecnologia Educacional

Tecnologia é qualquer artefato, instrumento, método ou técnica construída pelo homem, para a solução de problemas e que, dessa forma, desde a existência humana está arrolada a sua vida.

LÉVY (1987) define tecnologia educacional como um conjunto de recursos técnicos que influenciam a cultura e as formas de construção do conhecimento de uma sociedade. Nessa perspectiva, a tecnologia sempre esteve presente nos contextos educacionais, seja pelo uso do quadro-de-giz, do livro didático ou da televisão. Com o uso de tecnologias cada vez mais avançadas, pela sociedade, escolas tem sido obrigadas a se atualizarem e a incorporarem recursos de informática para potencializar o ensino, visando à sua melhoria.

A crescente queda nos preços das tecnologias de comunicação, o avanço constante da informática, a facilidade de acesso que a sociedade tem frente ao conhecimento tanto em âmbito local quanto global e a globalização da economia vem modificando de forma significativa e rápida as relações sociais. O aparecimento da Internet aboliu as barreiras geográficas, originando uma revolução do cotidiano do ser humano, que se deparou com inúmeras possibilidades de acesso a informação a qualquer tempo em qualquer lugar. Logo nasceram novas maneiras de ensinar e aprender no contexto educacional, no qual o professor tornou-se mediador na construção e elaboração do conhecimento.

Nossa sociedade se desenrola em movimento sucessivo, apesar de desigual, pois a disparidade da qualidade de vida e do acesso às novas tecnologias é enorme.

Outra característica da globalização é a competitividade no mercado de trabalho, onde se faz necessária uma constante atualização e reciclagem dos trabalhadores e pesquisadores. Este cenário traz como consequência à abertura de uma nova dimensão na área do conhecimento, pois a utilização das “novas tecnologias” a serviço da educação permite que um número cada

vez maior de pessoas tenham acesso às informações de forma quase instantânea.

Lévy (1995, p. 54) descreve com objetividade “as pessoas não apenas são levadas a mudar várias vezes de profissão em sua vida, como também no interior da mesma “profissão”, os conhecimentos têm um ciclo de renovação cada vez mais curto”. Visser (1997) aborda o mesmo tema afirmando:

No mundo de hoje, e no de amanhã, a noção de aprender para ganhar a vida, e mesmo aprender para a vida não é mais válida. Aprender não é mais *para* a vida, aprendizado é vida, aprender é viver e viver é aprender, é tão essencial como comer, independente da condição social e financeira das pessoas.

Devido a aceleração das mutações no mercado de trabalho e da sociedade como um todo Bates mencionava em 1993 a necessidade de educação e treinamento ao longo da vida profissional. Miller (1992) denomina o aluno que ele previa de *empowered student* (estudantes habilitados), considerando assim o aluno do início do próximo século, no qual os estudante controlariam o tempo, lugar e ritmo de estudo. A comunicação com professores e colegas será facilitada e o estudante será autônomo em relação ao conteúdo e com a sequência do material a ser estudado.

Nos dias atuais a demanda por conhecimento continuará em ritmo cada vez mais veloz, com isso a tendência é o acréscimo do consumo de informações.

A busca constante pela atualização e tecnologias que possibilitem o aumento da velocidade de acesso as informações divide espaço com cerca de 1 milhão de pessoas analfabetas no mundo e mais de 130 milhões de crianças em idade escolar fora da sala de aula.

Com o aumento do número de anos e períodos que os alunos precisam permanecer estudando para competirem no mercado de trabalho nosso frágil sistema educacional não consegue suprir satisfatoriamente a demanda por educação. Nesse contexto é visível que a estrutura de ensino presencial não está apta a atender a todos que buscam seus serviços.

Num país como o Brasil onde a diversidade de contextos e experiências fraudulentas e fracassadas são inúmeras criou-se uma imagem de descrédito e de resistência, com isso viabilizar a modalidade de educação a

distância remete em trabalho árduo e minucioso de pesquisa, planejamento e avaliação das iniciativas, na busca de paradigmas que sejam adequados a realidade brasileira e que concretizem a educação a distância enquanto prática educativa produtiva.

Tecnologia educacional, segundo FROMM (1998, p. 30):

É um processo integrado complexo, que envolve pessoas, procedimentos, idéias, recursos e organização para analisar problemas e planejar, implementar, avaliar e gerir soluções para esses problemas, envolvidos em todos os aspectos da aprendizagem humana [...] a tecnologia educacional abrange três aspectos básicos: recursos destinados à aprendizagem, funções de gestão educacional e funções de desenvolvimento educacional.

2.2 - Ciberespaço

Do mesmo modo que a escrita originou os manuscritos, livros, textos, jornais, revistas entre tantos outros como novos objetos culturais, as novas tecnologias originaram os sites, as listas de discussões, os fóruns, as páginas pessoais, o correio eletrônico, os sites de busca, as bibliotecas virtuais, também como novos objetos culturais.

Cibercultura é o conjunto de técnicas, tanto materiais como intelectuais e simbólicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensar e de valores que se desenvolvem dentro de uma estrutura virtual a partir de uma comunicação interativa. (RAMAL, 2002, p. 68).

Levando em consideração o que o autor afirma é importante salientar que a cibercultura pode ser utilizada como um espaço mais flexível para interação no espaço virtual.

O termo ciberespaço foi utilizado pioneiramente pelo escritor William Gibson, também pai do movimento *cyberpunk* na literatura, em seu notório livro *Neuromancer*, de 1984. Segundo ele, o ciberespaço é uma “alucinação consensual, que pode ser experimentada através de *softwares* especiais”.

O ciberespaço é um local desprovido de uma representação real concreta, mas que podemos utilizar quando trocamos de informações entre redes de computadores *on-line*.

O ciberespaço é, portanto, um espaço que admite várias possibilidades do mundo real. O mundo virtual não se diferencia somente pela representação, mas também pela simulação. Essa simulação é apenas uma das possibilidades da prática do real. Sendo assim, pode-se assegurar que o

ciberespaço nunca se desconecta da realidade. Ele proporciona o acontecimento de uma realidade virtual.

De acordo com LÉVY (1996), o ciberespaço é um meio no qual a tecnodemocracia poderá se consolidar, ou seja, é uma nova formação política em que a tecnologia da eletrônica tornará viável o desenvolvimento de comunidades inteligentes, capazes de se autogerir. A autogestão estará ligada aos grupos que se formariam por meio das preferências individuais, dando origem a territórios imaterializados. O grande perigo é que, atualmente, existe um pequeno grupo de pessoas privilegiadas, que detém a “senha de acesso” para a tecnologia de informação. Logo, o ciberespaço faz surgir, também, sociedades marginalizadas, os infoexcluídos². A era tecnológica cria ou recria uma nova divisão social, uma redistribuição de saberes, poderes, dois mundos que se separam de acordo com a participação ou não na vida digital.

2.3 – Educação a Distância

2.3.1 – Ensino a distância ou educação a distância?

A EAD é um método de ensino onde professor e aluno encontram-se separados no espaço e no tempo, ou seja, não estão presentes em um ambiente formal de ensino-aprendizagem.

A teoria de Michael Moore (1973), autor da Teoria da Autonomia e Independência Intelectual, sustentada por Charles A. Wedemeyer (1981) considera que a EAD por tratar com estudantes que em sua grande maioria é adulto e trabalhador, deve incentivar o autodidatismo, uma vez que o adulto é capaz de decidir sobre o que deseja estudar, será também capaz de decidir sobre como estudar.

Passando assim a centralizar sua proposta no estudante. Ou seja, na Teoria da Autonomia e Independência Intelectual o ensino está centrado no estudantes, cabendo a este decidir como estudar e quais os caminhos mais propícios a percorrer para aprender.

² Nos últimos tempos, criou-se uma expressão para designar os que não possuem qualquer familiaridade com o mundo da informática: analfabeto digital.

O ensino a distância envolve três elementos: aquele que ensina (o professor), aquele a quem se ensina (o aluno) e, aquele que é utilizado para que ocorra a interação entre professor e aluno (as tecnologias de comunicação), este último elemento é a principal ferramenta para diminuir a distância física. Além disso a tecnologia propicia a auto-aprendizagem, pois tem à sua disposição inúmera quantidade de informação; mas não se trata apenas de acessar sites na internet e ler seus conteúdos, mas também ter a possibilidade de se comunicar e interagir com os professores, tutores e principalmente com outros alunos.

Considera-se a EAD, para fins institucionais, tudo que faz referência ao processo ensino-aprendizagem que aconteça mediado por tecnologia, nos formatos semipresencial e a distância, no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.

A EAD deve ser vista como possibilidade de inserção social, propagação do conhecimento individual e coletivo, podendo assim contribuir na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Com esse intuito é que as instituições educacionais devem buscar a possibilidade de formar cidadãos críticos e mais conscientes do papel sócio político que exercem em nossa sociedade, ainda que vivam em regiões desprivilegiadas de acesso ao ensino de qualidade.

2.3.2 – Conceito de Educação a Distância

Em relação ao conceito de educação a distância, as diferenças estão presentes na terminologia educação e ensino a distância. Ambos os termos são utilizados tentando transmitir a mesma coisa, mas é importante ressaltar uma pequena diferença entre eles: o ensino caracteriza-se pela instrução, transmissão do conhecimento e das informações, treinamento; já a educação é um processo ensino-aprendizagem que faz com que o indivíduo aprenda a aprender, criar, construir conhecimento. Para melhor compreendermos os argumentos que deram origem às diferenças dos conceitos, temos algumas definições em BELLONI (1999, p. 25):

Ensino a distância é o ensino que não implica a presença física do professor indicado para ministrá-lo no lugar onde é recebido, ou no qual o professor está presente apenas em certas ocasiões ou para determinadas tarefas (Lei Francesa, 1971).

Educação a distância pode ser definida como a família de métodos instrucionais nos quais os comportamentos de ensino são executados em separado dos comportamentos de aprendizagem incluindo aqueles que numa situação presencial seriam desempenhados na presença do aprendente de modo que a comunicação entre o professor e o aprendente deve ser facilitada por dispositivos impressos, eletrônicos, mecânicos e outros.

Para NISKIER (1999, p. 50) o significado apóia-se nos aspectos diferenciados referentes à educação a distância, no planejamento do processo ensino-aprendizagem quanto nas questões metodológicas utilizando tecnologias.

...educação a distância é a aprendizagem planejada que geralmente ocorre num local diferente do ensino e, por causa disso, requer técnicas especiais de desenho de curso, técnicas especiais de instrução, métodos especiais de comunicação através da eletrônica e outras tecnologias, bem como arranjos essenciais organizacionais e administrativos.

De acordo com CHERMANN e BONINI (2000, p. 16), numa perspectiva de igualdade dos termos ensino e educação, observamos:

...educação/ensino a distância é um método racional de partilhar conhecimentos, habilidades e atitudes através da aplicação da divisão de trabalho e de princípios organizacionais, tanto quanto pelo uso extensivo de meios de comunicação, especialmente para o propósito de reproduzir materiais técnicos de alta qualidade, os quais tornam possível instruir um grande número de estudantes. Ao mesmo tempo, enquanto esses materiais durarem é uma forma industrializada de ensinar e aprender.

CHERMANN e BONINI (2000) expressam em suas argumentações um trabalho conjunto entre tecnologia e estudo para um determinado fim: a produção do conhecimento, mas como eles mesmos citam, uma forma industrializada de ensinar e aprender.

De acordo com BARROS (2003):

A verdadeira EAD não pode deixar os princípios educativos perderem-se na perspectiva de produção e industrialização do conhecimento, caracterizada por não relacionar os conhecimentos científicos aos aspectos políticos e sociais da sociedade.

Na análise de GONÇALVES (1996, p. 1):

Se alguém, uma instituição, por exemplo, se propõe a desenvolver educação a distância, isto significa que esse alguém está preocupado com algo além da transmissão de informações ou do desenvolvimento de habilidades motoras e intelectuais. Seu

compromisso é mais amplo: é com o desenvolvimento da cidadania [...] é com a igualdade de oportunidades de acesso ao saber acumulado pelo homem ao longo de sua história. Para ela, educar engloba o ensinar [...] não o elimina, como muitos acreditam.

Nesta análise, Gonçalves ressalta o papel social que a educação exerce em nossa sociedade, propiciando uma igualdade de oportunidades e auxiliando no desenvolvimento da cidadania, sendo que esses dois pontos caracterizam a ação educativa. BARROS (2003) afirma que:

...o educar engloba o ensinar, vendo na educação a distância não só algo além do desenvolvimento das potencialidades intelectuais, mas também uma evolução no processo de participação do indivíduo no contexto social.

De maneira a evitar repetições referente ao mesmo conceito apresentado pelos diversos autores consultados, preferiu-se aqui simplesmente arrolar as citações correspondentes, que serão logo a seguir apreciadas:

CHERMANN E BONINI (s/d, p. 17):

Conceituamos Educação a Distância como uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem a partir da mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados e apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, veiculados pelos diversos meios de comunicação existentes.

BELLONI (1999, p. 3):

A educação aberta e a distância aparece cada vez mais, no contexto das sociedades contemporâneas, como uma modalidade de educação extremamente adequada e desejável para atender às novas demandas educacionais decorrentes das mudanças na nova ordem econômica mundial.

LITWIN (2001, p. 13):

O traço distintivo da modalidade consiste na mediatização das relações entre os docentes e os alunos. Isso significa, de modo essencial, substituir a proposta de assistência regular à aula por uma proposta, na qual os docentes ensinam e os alunos aprendem mediante situações não-convencionais, ou seja, em espaços e tempos que não compartilham.

De acordo com INOCÊNCIO (1999, p. 44): “O que caracteriza o ensino, em última análise, é a separação física entre o professor e o aluno em que o contato entre os dois é mediado pelos recursos que não a exposição oral”.

NUNES (1998, apud Inocêncio, 1999, p. 39-40):

A tentativa de firmação do conceito educação a distância com base em suas características próprias e a ela inerentes não foi tarefa fácil. Inicialmente, o conceito de educação a distância era abordado baseando-se na sua comparação com o paradigma presencial de educação, o que, embora não fosse de todo incorreto, não deixa de constituir uma visão restrita, parcial do conceito. O conceito de educação a distância, como lembra o mesmo autor, começou a ganhar espaço nos anos 70 e 80, altura em que passou a ser abordado com base em suas características próprias como campo de ação. Várias foram as denominações utilizadas para tentar descrever a educação a distância como, por exemplo, estudo aberto, estudo por contrato, estudo experimental, ensino a distância, telensino, entre outras expressões. São conceitos genéricos os quais, embora em determinadas situações, significam a educação a distância, não representam, contudo e exclusivamente o que se compreender em essência por educação a distância.

NUNES (www.ibase.org.br/~ed/ivonio1.html, disponível na *internet* em 10/11/2008):

Há conceitos que, por sua pouca maturidade ou grande dependência com outros já dominantes, demoram muito a firmar-se a partir de suas próprias características. Com a educação a distância acontece assim. Primeiro conceituou-se, por ser também mais simples e direto o que não seria educação a distância. Somente a partir das pesquisas dos anos 70 e 80, ela foi vista que é, ou seja, a partir das características que a determinam ou por seus elementos constitutivos.

O. PETERS (1973):

Educação/ensino a distância (Fernunterricht) é um método racional de partilhar conhecimento, habilidades e atitudes, através da aplicação da divisão do trabalho e de princípios organizadores, tanto quanto pelo uso extensivo de reproduzir materiais técnicos de alta qualidade, os quais tornam possível instruir um grande número de estudantes ao mesmo tempo, enquanto esses materiais durarem. É uma forma industrializada de ensinar e aprender.

M. MOORE (1973):

Ensino a distância pode ser definido como a família de métodos instrucionais onde as ações dos professores são executadas à parte dos alunos, incluindo aquelas situações continuadas entre o professor e o aluno deve ser facilitada por meios impressos, eletrônicos, mecânicos ou outros.

B. HOLMBERG (1977):

O termo “educação à distância” esconde-se sob várias formas de estudo, nos vários níveis que não estão sob a contínua e imediata supervisão de tutores presentes com seus alunos nas salas de leitura ou no mesmo local. A educação à distância se beneficia do planejamento, direção e instrução da organização do ensino.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

(www.cciencia.ufrj.br/educnet/index.htm, disponível na *internet* em 10/11/2003), encontra-se:

O Ensino à Distância é um sistema tecnológico de comunicação bidirecional que pode ser massivo e que substitui a interação pessoal, na sala de aula, de professor e aluno, com meio preferência de ensino, pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e pelo apoio de uma organização e tutoria que propiciam a aprendizagem independente e flexível dos alunos.

“(GARCÍA ARETIO, L. (1994). Educación a distancia hoy. UNED)”

Ensino à Distância é um sistema de ensino em que o aluno realiza a maior parte de sua aprendizagem por meio de materiais didáticos previamente preparados, com um escasso contato direto com os professores. Ainda assim, pode ter ou não um contato ocasional com outros alunos.

DERECK ROWNTREE

O Ensino à Distância é o tipo de método de instrução em que as condutas docentes acontecem a parte das discentes, de tal maneira que a comunicação entre o professor e o aluno se possa realizar mediante textos impressos, por meios eletrônicos, mecânicos ou por outras técnicas.

MICHAEL G. MOORE

Educação à Distância é um sistema baseado no uso seletivo de meios instrucionais, tanto tradicionais quanto inovadores, que promovem o processo de auto-aprendizagem, para obter objetivos educacionais específicos, com um potencial de maior cobertura geográfica que a dos sistemas educativos tradicionais – presenciais.

M. L. OCHOA

Educação à Distância é uma metodologia de ensino em que as tarefas docentes acontecem em um contexto distinto das discentes, de modo que essas são, em relação às primeiras, diferentes no tempo, no espaço ou em ambas as dimensões ao mesmo tempo.

JAIME SARRAMONA (1991)

Educação à Distância é uma forma sistematicamente organizada de auto-estudo, onde o aluno se instrui a partir do material que lhe é apresentado; onde o acompanhamento e a supervisão do sucesso dos alunos são levadas a cabo por um grupo de professores. Isto é possível à distância, mesmo longa. O proposto da educação à distância é a educação direta ou educação face a face: um tipo de educação que tem lugar com o contato direto entre professores e alunos.

G. DOHMEM

A Educação à Distância é uma estratégia educativa baseada na aplicação da tecnologia à aprendizagem sem limitação do lugar, tempo, ocupação ou idade dos alunos. Implica novos papéis para os alunos e para os professores, novas atitudes e novos enfoques metodológicos.

JOSÉ LUÍS GARCÍA LHAMAS

A Educação à Distância é uma estratégia para operacionalizar os princípios e os fins da educação permanente e aberta, de tal maneira que qualquer pessoa, independentemente do tempo e do espaço,

possa converter-se em sujeito protagonista de sua própria aprendizagem, graças ao uso sistemático de materiais educativos, reforçados por diferentes meios e formas de comunicação.

MIGUEL A. RAMÓN MARTINEZ

A formação à distância é o produto da organização de atividades e de recursos pedagógicos dos quais se serve o aluno de forma autônoma e seguindo seus próprios desejos, sem que lhe seja imposto submeter-se às limitações espaço-temporais nem às relações de autoridade da formação tradicional.

FRANCE HENRI

A expressão Educação à Distância cobre um amplo espectro de diversas formas de estudo e estratégias educativas, que tem em comum o fato de que não se cumprem mediante a tradicional e continua contigüidade física de professores e alunos em locais especiais para fins educativos; esta nova forma educativa inclui todos os métodos de ensino nos quais, devido à separação existente entre alunos e professores, as fases interativas e pré-ativas do ensino são conduzidas mediante a palavra impressa e/ou elementos mecânicos e eletrônicos.

MIGUEL CASAS ARMENGOL

Educação à Distância é um ponto intermediário de uma linha contínua em cujos extremos se situam, de um lado, a relação presencial professor-aluno, e, de outro, a educação autodidata, aberta, em que o aluno não precisa da ajuda do professor. Na Educação à Distância, ao não haver contato direto entre educador e educando, requer-se que os conteúdos sejam tratados de um modo especial, ou seja, tenham uma estrutura ou organização que os torne passíveis de aprendizado à distância. Essa necessidade de tratamento especial exigida pela distância é o que valoriza o modelo de instrução, de maneira que se torne um modo de tratar e estruturar os conteúdos para fazê-los assimiláveis. Na Educação à Distância, ao se colocar o aluno em contato com o material estruturado, isto é, com os conteúdos organizados segundo seu planejamento, é como se, no texto, o material – e graças ao planejamento – o próprio professor estivesse presente.

GUSTAVO CIRIGLIANO

Educação à Distância é uma modalidade mediante a qual se transferem informações cognitivas e mensagens formativas através de vias que não requerem uma relação de contigüidade presencial em recintos determinados.

VICTOR GUÉDEZ

Definir Educação à Distância em função de que não é imprescindível que o professor esteja junto ao aluno não é de todo exato, embora seja um traço meramente negativo. Na Educação à Distância, a relação didática tem um caráter múltiplo. Há que se recorrer a uma pluralidade de vias. É um sistema multimídia. A Educação à Distância é um sistema multimídia de comunicação bidirecional com o aluno afastado do centro docente e ajudado por uma organização de apoio, para atender de modo flexível à aprendizagem de uma população massiva e dispersa. Este sistema somente se configura com recursos tecnológicos que permitam economia na escala.

RICARDO MARIN IBÁÑEZ

A expressão Educação à Distância cobre as diferentes formas de estudo em todos os níveis que não se encontram sob a contínua e imediata suspensão dos tutores, presentes com seus alunos na sala de aula, mas não obstante, se beneficiam do planejamento, orientação e acompanhamento do estudo à distância é que ele se baseia na comunicação não direta. As conseqüências que esta característica geral do estudo à distância traz consigo, podem ser agrupadas em 6 (seis) categorias:

- (1) A base do estudo à distância é normalmente um curso pré-produzido que costuma ser impresso, mas também pode ser apresentado através de outros meios distintos da palavra escrita, por exemplo, as fitas de áudio ou vídeo, os programas de rádio ou televisão ou os jogos experimentais. O curso deve ser auto-instrutivo, ou seja, ser acessível ao estudo individual, sem o apoio do professor. Por razões práticas, a palavra curso é empregada para significar aos materiais de ensino, antes mesmo do processo ensino-aprendizagem.
- (2) A comunicação organizada de ida e volta tem lugar entre os alunos e uma organização de apoio. O meio mais comum utilizado para isso é a palavra escrita, mas o telefone já se converteu em um instrumento de importância na comunicação à distância.
- (3) A EAD leva em conta o estudo individual, servindo expressamente ao aluno isolado, no estudo que realiza por si mesmo.
- (4) Dado que o curso produzido é facilmente utilizado por um grande número de alunos e com um mínimo de gastos, a EAD pode ser – e o é freqüentemente – uma forma de comunicação massiva.
- (5) Quando se prepara um programa de comunicação massiva, é prático aplicar os métodos do trabalho industrial. Estes métodos incluem: planejamento, procedimentos de racionalização, tais como divisão de trabalho, mecanização, automatização e controle de verificação.
- (6) Os enfoques tecnológicos implicados não impedem que a comunicação pessoal, em forma de diálogo, seja central no estudo à distância. Isto se dá inclusive quando se apresenta a comunicação computadorizada.

BÖRJE HOLBERGB

Keegan (1991) enumera os elementos fundamentais nesses conceitos abordados sobre ensino a distância:

"separação física entre professor e aluno, que o distingue do presencial; influência da organização educacional (planejamento, sistematização, plano, projeto, organização dirigida, etc.) que a diferencia da educação individual; utilização de meios técnicos de comunicação, usualmente impressos, para unir o professor ao aluno e transmitir os conteúdos educativos; previsão de uma comunicação-diálogo, e da possibilidade de iniciativas de dupla via; possibilidade de encontros ocasionais com propósitos didáticos e de socialização; e participação de uma forma industrializada de educação".

O quadro abaixo mostra algumas definições de ensino a distância:

AUTOR	CONCEITO	ANO
G. Dohmem	Auto-estudo	1967
O. Peters	Ensino industrializado	1973
M. Moore	Métodos instrucionais	1973
B. Holmberg	Várias formas de estudo	1977
W. Perry e G. Rumble	Comunicação de dupla-via	1987
D. Keegan	Separação física	1991

Quadro 1 – Definições do Ensino a Distância

Fonte: Keegan, 1991.

Nesta sucinta apresentação de conceitos referentes à educação a distância, observa-se que não existe um consenso a respeito da definição do termo, ainda que existam várias concordâncias conceituais entre os autores. Podendo ser este um dos motivos da utilização de distintas terminologias quando estes se referem à modalidade a distância, como, por exemplo, educação a distância, ensino a distância, aprendizagem a distância, educação aberta, ensino não presencial, telensino, teleducação, dentre tantos outros.

Frente à tantas denominações para a educação a distância, faz-se necessário considerar, que para conceituar ou definir os estudos realizados através do método de ensino “a distância” é de fundamental importância elencarmos algumas características fundamentais, como por exemplo: a separação física e temporal do professor e do aluno, a inexistência do espaço físico da instituição escolar, a utilização das TIC’s (Tecnologias da Informação e Comunicação) adequados a modalidade, o planejamento do curso de maneira que motive o aluno a despertar sua auto-aprendizagem, seu auto-esforço e sua auto-disciplina e, a segmentação do ensino.

Torna-se desnecessária a análise individualizada de cada definição, por não ser este o objetivo deste trabalho, sendo satisfatório reconhecer que os distintos conceitos que os teóricos aplicam a EAD, já auxiliam uma melhor compreensão a cerca dos reais objetivos que esta metodologia de ensino busca alcançar ao longo de sua trajetória.

A globalização é um dos componentes que fizeram decolar a necessidade de educação permanente dos adultos, com isso os cursos a distância incorporam as mídias viabilizadas pelas novas tecnologias tais como: informática, redes de informação, satélites entre outros. Por meio de uma análise histórica mundial e local e do relato de experiências bem sucedidas pode-se verificar os tópicos que contribuíram para o fracasso de outros programas e assim, evitá-los. A procura de modelos firmados no âmbito internacional traz como vantagem ampliar a credibilidade na educação a distância no Brasil.

A educação a distância não surgiu no vácuo (Keegan 1991, p.11), existe uma longa trajetória de sucessos e fracassos. No Brasil, desde a fundação do Instituto Rádio Monitor, em 1939 e depois do Instituto Universal Brasileiro, em 1941, várias experiências foram iniciadas e levadas a termo com relativo sucesso (Guarany; Castro, 1979, p.18). Considerando que a maioria dos cursos teve uma intervenção governamental considerável trazendo com ela componentes ideológicos do regime vigente. Contudo, é interessante destacar um traço constante: a descontinuidade dos projetos, principalmente os governamentais (Nunes, 1992).

Desmond Keegan (1991, 29) afirma que o termo genérico de educação a distância contém um conjunto de estratégias educativas referenciadas por: *educação por correspondência*, utilizado no Reino Unido; *estudo em casa* (home study), nos Estados Unidos; *estudos externos* (external studies), na Austrália; *ensino a distância*, na Open University do Reino Unido. E, também *téléenseignement*, em francês; *Fernstududium/Fernunterricht*, em alemão; *educación a distancia*, em espanhol; e *teleducação*, em português.

Cabe lembrar que em português, educação a distância, ensino a distância e teleducação são utilizados para explicar o mesmo processo ensino-aprendizagem. Porém, muitas pessoas confundem teleducação como sendo apenas uma modalidade de educação por televisão, esquecendo-se que **tele** vem do grego, e significa ao longe sendo que no nosso caso, a distância. Outra observação importante é que na expressão educação a distância pode-se ou não fazer o uso da crase, pois ela torna-se facultativa neste caso, sendo

obrigatória somente quando define-se a distância, por exemplo: à distância de cinquenta metros.

2.4 – Histórico da EAD

2.4.1 – EAD no mundo

Inúmeros autores, a exemplo de João Roberto Moreira Alves (1998), indicam o surgimento da EAD a partir do século XV, quando a imprensa Alemã foi criada por Johannes Guttenberg, o qual para a composição das palavras empregou caracteres móveis. Até aquele momento o acesso ao conhecimento era muito difícil, pois a produção de livros era realizada manualmente, tornando-se assim muito onerosa.

Com o início da Revolução Científica no século XVII, foi inaugurada uma nova era na arte de educar através das cartas comunicando informações científicas. De acordo com Lobo Neto (1995), o anúncio publicado na Gazeta de Boston, na data de 20 de março de 1778 é considerado o primeiro marco da educação a distância, publicado pelo professor de taquigrafia ³ Cauleb Phillips: *“Toda pessoa da região, desejosa de aprender esta arte, pode receber em sua casa várias lições semanalmente e ser perfeitamente instruída, como as pessoas que vivem em Boston”*.

Um anúncio publicado na Suécia no ano de 1833 já fazia menção ao ensino por correspondência, e na Inglaterra, em 1840, Isaac Pitman sintetizou os princípios da taquigrafia em cartões postais que trocava com seus alunos. Porém, a institucionalização da educação a distância só ocorreu a partir da metade do século XIX.

Charles Toussaint e Gustav Langenscheidt no ano de 1856, em Berlim, foram responsáveis pela fundação da primeira escola por correspondência destinada ao ensino de línguas. Posteriormente, Anna Eliot Ticknor, em 1873, em Boston, fundou a *Society to Encourage Study at Home*

³ Taquigrafia ou estenografia (do grego taqui = rápido e grafia = escrita) é um termo geral que define todo método abreviado ou simbólico de escrita, com o objetivo de melhorar a velocidade da escrita ou a brevidade, em comparação a um método padrão de escrita.

(Sociedade para Incentivar o Estudo em Casa) e, em 1891, Thomas J. Foster deu início em Scarnton (Pensilvânia) ao *International Correspondence* (Correspondência Internacional), com um curso sobre medidas de segurança no trabalho de mineração.

Mesmo sendo conhecida há tanto tempo a EAD somente nas últimas décadas passou a fazer parte das atenções pedagógicas.

Mais recentemente, temos citações de uma tentativa de estabelecer um curso através de correspondência na Inglaterra, com direito a diploma, em 1880 (Niskier, 1999). Tal idéia foi rejeitada pelas autoridades locais e os autores da proposta foram para os Estados Unidos, encontrando espaço na Universidade de Chicago. Em 1882, surgiu o primeiro curso universitário de EAD naquela instituição, com material enviado pelo correio. Depois, em 1906, a *Calvert School*, em Baltimore, EUA, tornou-se a primeira escola primária a oferecer cursos por correspondência.

Conforme dados de Alves (1998), França, Espanha e Inglaterra são os principais centros educacionais de divulgação da EAD, pois desenvolveram modelos de educação a distância que foram adotados por vários países. Em 1970, surgiu na Inglaterra a primeira universidade baseada totalmente na EAD. Em 1980, já tinha 70.000 alunos. A universidade inglesa Open University tornou-se referência para o surgimento de universidades abertas em vários países.

Muitos países desenvolveram sistemas de EAD para superar as limitações de atendimento do ensino regular. Dificuldades geográficas, demandas de formação profissional, acesso a uma segunda língua ampliação do atendimento de escolarização e qualificação profissional são razões apontadas por Corrêa (2005) que estimularam o surgimento da EAD. Niskier (1999) cita como exemplo Canadá, Suécia, Dinamarca, Noruega e Finlândia, países gelados e com populações espalhadas pelos seus territórios, solucionaram seus problemas com a implantação da EAD.

Corrêa (2005) aponta a Open University, da Inglaterra, a Universidade Nacional de Educação a Distância, da Espanha, a Universidade Nacional Aberta, da Venezuela, e a Universidade Estadual a Distância, da Costa Rica, como modelos de ensino superior a distância.

A história também nos mostra que desde o final da 1ª Guerra Mundial vem surgindo novas iniciativas no campo do ensino a distância em consequência do aumento da demanda social por educação, confirmando, de alguma forma, as palavras de William Harper, escritas em 1886:

“Chegará o dia em que o volume da instrução recebida por correspondência será maior do que o transmitido nas aulas de nossas academias e escolas; em que o número de estudantes por correspondência ultrapassará o dos presenciais”.

Moore e Kearsly (1996) apresentam um história da EAD, subdividindo-a em três gerações, conforme mostra o quadro seguinte.

Geração	Período	Característica
1ª	Até 1970	Estudo por correspondência, no qual o principal meio de comunicação era o material impresso, enviado pelo correio.
2ª	De 1970 a 1990	Surgem as primeiras Universidades Abertas utilizando, além do material impresso, transmissões por televisão aberta, rádio, cassetes de áudio e vídeo, com interação por telefone, satélite e TV por cabo.
3ª	A partir de 1990	É a geração baseada em redes de computadores e estações de trabalho multimídia, interatividade, ambientes de aprendizagem virtuais com recursos distribuídos e <i>e-learning</i> .

Quadro 2 – Gerações da EAD. Adaptado de Moore e Kearsly (1996).

2.4.2 - EAD no Brasil

Comparando o desenvolvimento da EAD no Brasil com a experiência mundial, algumas diferenças saltam aos olhos. Em um primeiro momento, a EAD brasileira segue o movimento internacional, com a oferta de cursos por correspondência. Entretanto, mídias como o rádio e a televisão serão exploradas com bastante sucesso em nosso país, por meio de soluções específicas e muitas vezes criativas, antes da introdução da Internet. Além disso, no Brasil, a experiência das universidades abertas é retardada

praticamente até hoje, com a recente criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

A educação aberta é definida em FIDALGO e MACHADO (2000, p. 119) como:

Processo educativo que implica a ausência de barreiras que limitam o acesso ao ensino superior ou a outros graus de escolarização, seja em termos de requisitos de qualificações prévias, seja quanto à determinação de lugares e tempos determinados para os alunos freqüentarem as aulas.

Fidalgo e Machado definem a educação aberta numa perspectiva de acesso igualitário e muito mais amplo do que a própria educação a distância. Entendemos, portanto, que a educação a distância está inserida no processo de educação aberta.

De acordo com BATES (1995), a educação aberta compreende uma condição de política educacional do país; a educação a distância seria uma das metas implícitas para concretizar o que se denomina educação aberta.

Na síntese abaixo, será possível ver como a EAD se desenvolveu no Brasil. Nela são mencionados os principais projetos desenvolvidos desde o início do século XX até o momento em que se deu a incorporação da educação a distância na universidade.

1900 – As pesquisas realizadas⁴ em várias fontes demonstram que mesmo antes de 1900 já circulavam anúncios em jornais do Rio de Janeiro oferecendo profissionalização por correspondência. O *Jornal do Brasil*, que iniciou suas atividades em 1891, registra, na primeira edição da seção de classificados, anúncio que oferece profissionalização por correspondência para datilógrafo. Tratava-se de uma professora particular que ministrava curso de datilografia, porém sem nenhum vínculo com algum estabelecimento de ensino.

1904 – Escolas Internacionais e cursos por correspondência – Considera-se marco histórico a implantação das “Escolas Internacionais” em 1904, que representam organizações norte-americanas. Eram instituições privadas que

⁴ Estudos realizados pelo Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação (IPAE).

ofereciam cursos pagos por correspondência em jornais. Inicialmente, os cursos eram em espanhol.

Esse era um momento de crise na educação nacional, no qual a necessidade de reformas se fazia premente. Entretanto, devido à pouca importância que se atribuía à educação a distância e às dificuldades enfrentadas com o uso dos correios, o ensino por correspondência recebeu reduzido por parte das autoridades educacionais e órgãos governamentais.

Nesse período, a educação a distância manteve o material impresso como base, mas, posteriormente, passou a complementar o método com recursos de áudio e vídeo, transmissões de rádio e televisão, videotexto, computador e, mais recentemente, tecnologia e multimídia.

1923 – Rádio-Escola – Várias iniciativas então se sucederam: em 1923, um grupo liderado por Henrique Morize e Roquette-Pinto criou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que oferecia cursos de português, francês, silvicultura⁵, literatura francesa, esperanto⁶, radiotelegrafia e telefonia. Teve início, assim, a educação pelo rádio.

Tratava-se de uma iniciativa de um movimento de cientistas e intelectuais do Rio de Janeiro, que teve como um dos seus maiores entusiastas o antropólogo Edgard Roquette-Pinto.

Roquette-Pinto acreditava no poder que a rádio exercia no ato de educar e, divulgar ciência e cultura, por sua capacidade de alcançar mesmo aqueles mais distantes e pobres, com isso tinha como sua principal função, possibilitar a educação popular, utilizando-se de um sistema então moderno de difusão do que acontecia no Brasil e no mundo.

Em 1927, foi criada, também no Rio de Janeiro, a Comissão de Cinema Educação; em 1932, educadores lançaram o Manifesto da Escola

⁵ Silvicultura é a ciência dedicada ao estudo dos métodos naturais e artificiais de regenerar e melhorar os povoamentos florestais com vistas a satisfazer as necessidades do mercado e, ao mesmo tempo, é aplicação desse estudo para a manutenção, o aproveitamento e o uso racional das florestas.

⁶ Esperanto é uma linguagem planejada, não é utilizada por nenhum país, mas sim como língua oficial de algumas organizações.

Nova, propondo o uso dos recursos de rádio, cinema e impressos na educação brasileira.

Em 1934, Roquette-Pinto instalou a Rádio-Escola Municipal no Rio. Os alunos tinham acesso prévio a folhetos e esquemas de aulas, e a Rádio-Escola utilizava também correspondência para contato com os alunos.

1936 – Doação da Radio Sociedade do Rio de Janeiro ao Ministério da Educação e Saúde – A Rádio no seu início funcionou nas dependências de uma escola superior mantida pelo Poder Público. Posteriormente sofreu fortes pressões pelas mudanças que o rumo da entidade tomou, sendo criadas exigências de difícil cumprimento, principalmente se considerarmos que inexistiam fins comerciais. Sendo assim, no ano de 1936, não sobraram alternativas e os instituidores tiveram que doar a emissora para o Ministério da Educação e Cultura. Hoje é a Rádio MEC.

Cabe registrar que até 1930 o Brasil não contava com um ministério específico para cuidar da educação e os assuntos eram tratados em órgãos que tinham outras atribuições principais, mas cuidavam, também, da instrução pública.

Obs.: Vale ressaltar que a educação via rádio foi, desta forma, o segundo meio de transmissão a distância do saber, sendo apenas precedida pela correspondência.

1937 – Criação do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação – Inúmeros programas, especialmente os privados, foram sendo implantados a partir da criação, em 1937. Destacaram-se, dentre eles, a Escola Rádio-Postal “A voz da Profecia”, criado pela Igreja Adventista em 1943, com o objetivo de oferecer aos ouvintes cursos públicos.

1939 – Rádio Monitor – Surgimento do Instituto Monitor, escola pioneira no Brasil a desenvolver o ensino a distância como modalidade de ensino. Fundado em outubro de 1939 pelo imigrante húngaro Nicolás Goldberger que fugira da

perseguição nazista na Segunda Guerra Mundial, sendo que trouxe consigo seu conhecimento técnico em eletrônica.

Nasceu então o primeiro curso a distância, composto por algumas apostilas com seus ensinamentos em eletrônica e um kit que era dividido em etapas. No final era possível construir um modesto rádio caseiro. Todo trabalho era realizado por correspondência, inclusive a correção das tarefas encaminhadas aos alunos, como forma de medir o aproveitamento no curso.

Ao longo de sua história o Instituto Monitor já teve mais de 5 milhões de alunos matriculados, em diversos cursos profissionalizantes que este oferece. Atualmente, são 32 mil alunos espalhados em todo o Brasil, realizando e aprendendo uma nova profissão.

1941 – Criação do Instituto Universal Brasileiro – IUB – Outro pioneiro de EAD no Brasil é o Instituto Universal Brasileiro, fundado em 1941 por um ex-sócio do Instituto Monitor, que já formou mais de 4 milhões de pessoas, e hoje possui cerca de 200 mil alunos. Oferece cursos profissionalizantes (como de auxiliar de contabilidade, desenho artístico e publicitário, fotografia, inglês, violão etc.) e supletivos. Sua principal mídia são apostilas enviadas por correio.

Nas décadas de 1940 e 1950, mais instituições passaram a fazer uso do ensino a distância via correspondência, impulsionadas pelo sucesso do IUB.

Recentemente, foi criado o Uniub – Cursos On-line, que substitui o material impresso pela Internet e o correio pelo e-mail, além de incorporar o *chat*.

1943 – A Voz da Profecia – *A Voz da Profecia* começa nos Estados Unidos, em 1929, com a transmissão de séries bíblicas por rádio. Em 1943, passam a ser gravados discos e transmitidos programas por rádio em português. Assim vai ao ar o primeiro programa religioso apresentado no Brasil pelo rádio. A experiência cresceu e, hoje, transformou-se no Sistema Adventista de Comunicação, que inclui a Rede Novo Tempo de Rádio, a Rede Novo Tempo de TV, o programa *Está Escrito*, além de *A Voz da Profecia*. No mundo, existem também dezenas de escolas bíblicas por correspondência.

1947 – SENAC, SESC e Universidade do Ar – Em 1947, SENAC, SESC e emissoras associadas fundam a Universidade do Ar (em 1941 havia sido criada outra Universidade do Ar, que durou dois anos), com o objetivo de oferecer cursos comerciais radiofônicos. Os alunos estudavam nas apostilas e corrigiam exercícios com o auxílio dos monitores. A experiência durou até 1961.

A experiência do SENAC com EAD, entretanto, continua até hoje. Em 1976, foi criado o Sistema Nacional de Teleducação, centrado no ensino por correspondência, mas que realizou também algumas experiências com rádio e TV. Em convênio com outras instituições, o SENAC desenvolveu ainda, a partir de 1983, um série de programas radiofônicos sobre orientação profissional na área de comércio e serviços, denominada *Abrindo Caminhos*. A partir de 1988, o sistema foi informatizado, e, em 1995, foi criado o Centro Nacional de Educação a Distância (Cead).

A partir de 1996, foi implantada a série radiofônica educativo-cultural *Espaço SENAC*, hoje denominada *Sintonia SESC-SENAC*.

Em 2000, foi criada a Rede Nacional de Teleconferência, transmitida via satélite pela STV – Rede SESC-SENAC de Televisão, com interatividade em tempo real por intermédio de e-mail, fax e telefone em todas as unidades do Sistema SENAC, incluindo suas escolas-sobre-rodas e balsa-escola.

Desde 2001, o SENAC oferece o Curso de Especialização a Distância e, desde 2002, o Curso de Especialização em Educação Ambiental, entre outros cursos, hoje ministrados pela Internet.

1961 – MEB – A Diocese de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, criou em 1959 algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB), marco na EAD não formal no Brasil. O MEB, envolvendo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Governo Federal, utilizou inicialmente um sistema radioeducativo para a democratização do acesso à educação, promovendo o letramento de jovens e adultos e, pode ser considerado um marco na EAD não formal no Brasil.

1962 – Ocidental School – Em 1962 foi fundada, em São Paulo, a Ocidental School, de origem americana, focada no campo da eletrônica. Possuía, em 1980, alunos no Brasil e em Portugal.

1967 – IBAM – Na área da educação pública, o Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) iniciou suas atividades em EAD em 1967, utilizando a metodologia de ensino por correspondência.

1967 – Padre Landell – A Fundação Padre Landell de Moura criou em 1967 seu núcleo de EAD, com metodologia de ensino por correspondência e via rádio.

1967 – Projeto Saci – Concebido experimentalmente em 1967, por iniciativa do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o Projeto Saci (Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares) tinha como objetivo criar um sistema nacional de telecomunicações com o uso de satélite. A ideia do Projeto Saci era inovadora e pioneira, vislumbrando as possibilidades dos meios de comunicação de massa em favor da prestação de serviços educacionais. O projeto, entretanto, foi encerrado em 1976.

1970 – Projeto Minerva – Em 1970, teve início o Projeto Minerva, convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e a Fundação Padre Anchieta, cuja meta era a utilização do rádio para a educação e a inclusão social de adultos. O projeto foi mantido até o início dos anos 80.

1977 – Telecurso – Cursos supletivos a distância começaram a ser oferecidos por fundações privadas e organizações não-governamentais a partir das décadas de 1970 e 1980, utilizando tecnologias de teleeducação, satélite e materiais impressos.

Na década de 1970, a Fundação Roberto Marinho lançou o programa de educação supletiva a distância para 1º e 2º graus. Hoje denominado Telecurso 2000, utiliza livros, vídeos e transmissão por TV, além de disponibilizar salas pelo país para que os alunos assistam às transmissões e

aos vídeos, e tenham também a oportunidade de acessar o material de apoio. Calcula-se que mais de 4 milhões de pessoas já foram beneficiadas pelo Telecurso.

1981 – CIER – O Centro Internacional de Estudos Regulares (CIER) do Colégio Anglo-Americano, fundado em 1981, oferece ensinamentos fundamental e médio a distância. O objetivo do CIER é permitir que crianças, cujas famílias se mudam temporariamente para o exterior, continuem a estudar pelo sistema educacional brasileiro.

1991 – Salto para o futuro – O programa *Jornal da Educação* – Edição do *Professor*, concebido e produzido pela Fundação Roquette-Pinto, teve início em 1991. Em 1995, com o nome de *Salto para o Futuro*, foi incorporado à TV Escola (canal educativo da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação), tornando-se um marco na EAD nacional.

É um programa para formação continuada e aperfeiçoamento de professores (principalmente do ensino fundamental) e alunos dos cursos de magistério. Utiliza diversas mídias como material impresso, TV, fax, telefone e Internet, além de encontros presenciais nas telessalas, que contam com a mediação de um orientador de aprendizagem (tutor). Os programas são ao vivo e permitem interação dos professores presentes nas telessalas.

As secretarias de educação e o SESC são os parceiros responsáveis, nos Estados, pela montagem e pelo acompanhamento das telessalas. O programa atinge por ano mais de 250 mil docentes em todo o país.

Fim da década de 80 e início da década de 90 – EAD no ensino superior brasileiro – No fim da década de 80 e início dos anos 90, nota-se um grande avanço da EAD brasileira, especialmente em decorrência dos projetos de informatização, bem como o da difusão das línguas estrangeiras. Hoje se tem um grande número de cursos que oferecem, por meio de instruções programadas para microcomputadores, vídeos e fitas K-7, formas de auto-aprendizagem.

A Universidade de Brasília foi a pioneira no uso da EAD no ensino superior, com o Programa de Ensino a Distância (PED), que ofereceu um curso de extensão universitária em 1979. Outros cursos foram conduzidos e oferecidos inclusive por jornal, até 1985, além de terem sido traduzidos cursos da Open University.

A partir da década de 1990, as instituições de ensino superior começaram a desenvolver cursos a distância baseados nas novas tecnologias de informação e comunicação. A educação a distância surge oficialmente no Brasil pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996), sendo normatizada pelo Decreto n. 2.494 (de 10 de fevereiro de 1998), pelo Decreto n. 2.561 (de 27 de abril de 1998) e pela Portaria Ministerial n. 301 (de 7 de abril de 1998).

Na proposta de mudanças no sistema de ensino superior brasileiro da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96, a Educação a Distância foi incluída em um texto com validade legal pela primeira vez. Porém, em meados da década de 90 inúmeras iniciativas governamentais já vinham evidenciando o avanço dessa modalidade de ensino, mesmo antes da criação da LDB, pois em 1994 foi criado o Sistema Nacional de Educação a Distância e, no ano seguinte, em dezembro de 1995, foi criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED) no Ministério da Educação (MEC). Simultaneamente, algumas universidades iniciaram a desenvolver projetos de educação a distância, criando em sua organização núcleos específicos em EAD.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no seu artigo 80, engloba dois aspectos importantes da política governamental: Incentivo ao seu Crescimento e, Controle e Regulamentação.

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§4º A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I – custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II – concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III – reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

Já o artigo 87 da LDB, coloca a educação a distância como uma das estratégias do Plano Nacional de Educação 1996 – 2006, a ser encaminhado ao Congresso Nacional no sentido de:

- “Prover cursos presenciais e a distância aos jovens e adultos insuficientemente escolarizados” (§3º II).

- “Realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação a distância” (§3º III).

A partir de 1998, passam-se a regulamentar os processos de credenciamento de instituições para a oferta de cursos de graduação e educação profissional tecnológica a distância.

O final dos anos 90 não nos trouxe apenas a Internet e a possibilidade do trabalho em redes de colaboração, mas também reflexões sobre práticas e metodologias pedagógicas que permitissem o uso de ferramentas interativas para melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem

3 – Qualidade do Ensino a Distância

3.1 – Fatores críticos em relação ao sucesso do ensino a distância

O modelo de Khan (2001) denomina-se Plataforma do Ensino baseado na *Web* e foi desenvolvido a partir dos fatores críticos que possibilitam a criação de uma experiência em educação a distância com sucesso. De acordo com o autor, cada fase do processo ensino-aprendizagem na *Web* requer uma análise profunda de como utilizar o potencial da Internet em consonância com os princípios do desenho educacional.

A plataforma proposta por Khan (2001) apresenta oito dimensões: institucional, pedagógica, tecnológica, desenho da interface, avaliação, gestão, apoio ao aluno e ética, que são definidas da seguinte forma:

- ❖ **Institucional** – refere-se aos aspectos administrativos em geral, tais como planejamento, organização, orçamento, retorno sobre investimentos, marketing, secretaria e propriedade intelectual;
- ❖ **Pedagógica** – refere-se ao processo de ensino-aprendizagem, ou seja, planejamento didático, conteúdo, métodos e estratégias de ensino e motivação;
- ❖ **Tecnológica** – refere-se à infra-estrutura de *hardware*, *software* e de rede;
- ❖ **Desenho da interface** – refere-se ao aspecto gráfico dos cursos. Contempla o desenho das páginas do *site* e a navegabilidade;
- ❖ **Avaliação** – concebida de forma ampla, contempla ao mesmo tempo a avaliação da aprendizagem, mas também dos cursos, professores, alunos e ambientes de educação a distância propriamente dito;
- ❖ **Gestão** – refere-se ao funcionamento do ambiente e de distribuição da informação. Esta função é, em geral, implementada por *software* específico, que simula uma escola virtual, com sala de aula, biblioteca, secretaria e ambiente de contato entre professores e alunos;
- ❖ **Apoio ao aluno** – significa o suporte *on* e *offline* ao aluno, tais como suporte técnico, tutoria e outros serviços de apoio aos alunos;

- ❖ **Ética** – refere-se à diversidade social, cultural e racial, confiabilidade, privacidade, etiqueta, assim como aspectos legais em geral.

Khan (2001) ressalta que existe uma variedade imensa de aspectos críticos que não estão abrangidos pelas dimensões da plataforma e que devem ser explorados, referindo-se às limitações do modelo proposto. Conclui que o modelo serve de ponto de partida para a criação de um projeto de educação a distância com sucesso.

No Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, Delors, citado por Behrens (2004), propõe quatro pilares para a nossa aprendizagem ao longo da vida.

- ❖ **Aprender a conhecer** é compreender o mundo que rodeia; dispor de uma cultura geral vasta e capacidade de trabalhar em profundidade determinados assuntos; exercitar a atenção, a memória. Para isso, a escola precisa estimular o aluno a se tornar curioso, investigador, construtor e reconstrutor do conhecimento.
- ❖ **Aprender a fazer** é desenvolver aptidões que levem a pessoa a atuar na profissão com mais competência e habilidade; tornar-se apta a enfrentar numerosas situações e trabalhar em equipe. Segundo Behrens (2004), o docente precisa aliar o aprender a conhecer e o aprender a fazer. Ele deve oferecer situações que levem o aluno a acessar os conhecimentos e aplicá-los como se estivesse atuando como profissional.
- ❖ **Aprender a viver** juntos é compreender o outro; respeitar as individualidades; realizar projetos comuns e preparar-se para administrar conflitos; conviver harmoniosamente com todos os seres vivos. Para que ocorra essa aprendizagem, a escola precisa rever a prática pedagógica que incentiva o trabalho individual, competitivo e mecanicista. O professor precisa criar problematizações para que os alunos aprendam a administrar conflitos, respeitar opiniões divergentes, saber contra-argumentar sem agressão e competitividade (BEHRENS, 2004).
- ❖ **Aprender a ser** é agir com autonomia, discernimento e responsabilidade. Para o desenvolvimento desse pilar, Delors, citado por Behrens (2004, p. 82), recomenda que

a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado [...] para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nos diferentes circunstâncias da vida.

Jonassen (1996) classifica a aprendizagem em:

- ❖ **Aprender a partir da tecnologia** (*learning from*), em que a tecnologia apresenta o conhecimento e o papel do aluno é receber esse conhecimento, como se ele fosse apresentado pelo próprio professor.
- ❖ **Aprender acerca da tecnologia** (*learning about*), em que a própria tecnologia é objeto de aprendizagem.
- ❖ **Aprender por meio da tecnologia** (*learning by*), em que o aluno aprende ensinando o computador (linguagens BASIC ou LOGO).
- ❖ **Aprender com a tecnologia** (*learning with*), em que o aluno aprende usando as tecnologias como ferramentas que o apóiam no processo de reflexão e de construção do conhecimento (ferramentas cognitivas).

No modelo de Rosenberg (2001), quanto à estratégia, os três pilares de sucesso são:

- ❖ Concentrar-se nas exigências do negócio;
- ❖ Elaborar um programa de conteúdos apropriados;
- ❖ Criar um ambiente que estimule a aprendizagem.

Segundo Painho *et al.* (2003), a garantia de sucesso do ensino a distância faz-se através de uma autoavaliação, sendo necessário para isso um processo de monitoração. E descreve os parâmetros e os elementos que deverão constar nessa autoavaliação:

- ❖ Qualidade do corpo docente envolvido no projeto de ensino a distância;
- ❖ Qualidade dos conteúdos disponibilizados nas diversas disciplinas que conjuntamente constituem o curso;
- ❖ Qualidade do corpo discente inscrito no projeto de ensino a distância;
- ❖ Qualidade do apoio prestado ao projeto pelo pessoal técnico a ele associado;
- ❖ Desempenho do sistema de suporte (*hardware e software*) que serviu de suporte ao projeto.

De acordo com (Ryan *et al.*, 2000), o ensino em ambientes virtuais depende basicamente de cinco fatores:

- ❖ Organização e gestão pedagógica (**Professores**);
- ❖ Conteúdos e materiais dos cursos (**Conhecimento científico**);
- ❖ Motivação e empenho dos envolvidos no processo (**Objetivos**);
- ❖ Acompanhamento tecnológico permanente (**Ajuda e Sistema de interação**);
- ❖ Avaliação dos alunos e dos cursos (**Certificação**).

Rapchan (2002) define os seguintes indicadores de qualidade:

- ❖ Integração com políticas, diretrizes e padrões de qualidade definidos para o ensino superior como um todo e para o curso específico;
- ❖ Equipe profissional multidisciplinar;
- ❖ Comunicação e interatividade entre professor e aluno;
- ❖ Qualidade dos recursos educacionais;
- ❖ Infra-estrutura de apoio.

Santos (2005) identifica cinco componentes que devem ajustar-se a cada modelo de formação, para que um curso a distância seja considerado de sucesso:

- ❖ Os **Conteúdos** (com qualidade científica e pedagógica) preparados, quer para autoaprendizagem, quer aprendizagem colaborativa, em vários formatos (vídeo, áudio, texto e multimídia);
- ❖ Os **Professores**, com competências científicas, pedagógicas e tecnológicas;
- ❖ Os **Sistemas de Interação**, que podem ser meramente informativos ou de aconselhamento entre alunos, professores e instituições de ensino;
- ❖ A **Tecnologia**, que deve ser utilizada como um meio ao serviço do ato de aprender ou de ensinar (plataforma, comunicações e equipamentos necessários);
- ❖ Os **Sistemas e Instrumentos de Avaliação**, rigorosos e transparentes, de modo a avaliar os alunos, a formação e os sistemas de gestão e de comunicação.

E por fim, Carvalho (2005) considera que os seguintes fatores são importantes para o sucesso da educação a distância:

- ❖ Definição de metodologias;
- ❖ Concepção de novas formas de avaliação;
- ❖ Concepção de atividades letivas;
- ❖ Resposta a comunicação eletrônica gerada;
- ❖ Apoio pedagógico.

Como podemos ver, na bibliografia sobre o tema existem diversas definições a cerca dos fatores críticos para a qualidade da educação a distância, embora, naturalmente, com pontos em comum.

Sendo assim e dada a sua corrente utilização e aceitação em outros estudos realizados, considera-se que um curso na modalidade a distância com qualidade deverá respeitar os fatores que constituem o modelo de avaliação definido pelo IHEP, ou seja, as categorias:

- ❖ Apoio institucional
- ❖ Desenvolvimento do curso
- ❖ Processo ensino-aprendizagem
- ❖ Estrutura do curso
- ❖ Apoio ao aluno
- ❖ Apoio ao corpo docente
- ❖ Avaliação

3.2 – Formas de Recepção da EAD

A Educação a Distância pode ser promovida de inúmeras formas, mas um dos fatores que indica a estrutura disponível é a recepção.

Vianney et al. (1998, p.34) definem a recepção como

Uma atividade de natureza sócio-pedagógica complementar e integrada, planejada e avaliada. É nela que se concretiza a aprendizagem mediada pelos diferentes meios utilizados. A natureza pedagógica da recepção esta intimamente ligada à comunicação – entendida como um processo mediado pelos instrumentos que, só se completa com a ressignificação oferecida pelos receptores das mensagens.

De acordo com Saraiva (1995) existem cinco modalidades de recepção:

Livre – recebida por um número ilimitado de pessoas (clientela) de forma individual ambas maneiras não definidas previamente. Exemplo: programas informativo-culturais.

Isolada – o aluno inscreve-se no curso ou programa, recebe o conteúdo. Estuda sozinho. Realiza a avaliação. O material didático, principalmente o impresso é de fundamental importância para os alunos de recepção isolada. Por exemplo: o programa Telecurso 2000 da Fundação Roberto Marinho.

Controlada – admite o acompanhamento, o controle e a avaliação da clientela, que não precisa estar agrupada em um mesmo lugar. Periodicamente os alunos se reúnem com um tutor, de forma individual ou em grupo, para sanar dúvidas, orientar para solução de problemas. Esta orientação também pode ocorrer a distância, através do correio, telefone, fax, e-mail, chat entre outras inúmeras maneiras de comunicação. Este é o caso da maioria das Universidades Abertas.

Integrada – é aquela que a tecnologia integra-se às atividades educativas já existentes, com o objetivo de enriquecer a prática docente. Por exemplo: o uso da Internet nas escolas.

Organizada – caracteriza-se pela presença constante do tutor, que orienta e dinamiza as atividades da telessala, facilitando e mediando o processo ensino-aprendizagem, o controle e a avaliação dos alunos. Este formato é o mais encontrado atualmente nos cursos superiores a distância.

Cabe citar que existe uma ausência de registros nesta referência de aulas por videoconferência ou Internet, pois o uso de tais tecnologias na educação ainda é recente no Brasil. Completando as definições, pode-se sugerir as seguintes

Interativa – a comunicação entre professor e aluno acontece em tempo real, onde estes podem se comunicar através de áudio e vídeo, utilizando para isto a videoconferência.

Na estrutura da recepção interativa trabalhos, avaliações e orientação acontecem durante as aulas, explorando o potencial de periféricos, que permitem apresentar vídeos, documentos e imagens de computador.

Informatizada – a comunicação pode ocorrer de forma assíncrona com troca de mensagens por e-mail, ou de forma síncrona onde o aluno pode se comunicar em tempo real com o professor e com outros alunos, esta pode ocorrer através de discursos em *chats*.

Os alunos recebem os materiais didáticos especialmente desenvolvidos para o curso, impressos, vídeos, DVD's, CD-Rom, links de Internet, entre outros. Também podem ocorrer encontros presenciais (ocasionalmente).

3.3 – Modelos antigos e novos de aprendizagem

A informática aplicada na ação didático pedagógica modifica o universo escolar. Ela cria uma nova dimensão de espaço e de tempo, levando a um novo entendimento do processo ensino-aprendizagem, pois provoca novas simulações para facilitar o entendimento entre a teoria e a prática, facilitando com isso o ensino. Ela desmistifica o pavor do erro. No quadro a seguir, veremos as mudanças entre os modelos antigos e novos de aprendizagem.

Modelo Antigo	Modelo Novo	Implicações para os alunos
Centrado no professor	Centrado no aluno	Os alunos são investidos do poder de aprendiz ativos.
Trabalho individual	Participação do aluno	A motivação do aluno é aprimorada.
Trabalho individual	Equipe de aprendizagem	O aprendizado é aprimorado pelo compartilhamento.
O professor como especialista	O professor como guia	A estrutura da aprendizagem é mais adaptável às rápidas mudanças no mundo.
Estático	Dinâmico	Os recursos de aprendizagem (livros-texto, base de conhecimento existente) são substituídos por um link on-line com o mundo real. Os recursos podem ser adaptados às necessidades imediatas da

		aprendizagem.
Aprendizado predeterminado	Aprender a aprender	Desenvolvimento de habilidades para a era da informação.

Quadro 3 – Mudanças entre os modelos antigos e novos de aprendizagem.
 Fonte: (HEIDE, Ann, STILBORNE Linda; 2000, p. 28).

Observando-se a tabela acima, pode-se perceber que o emprego das novas tecnologias é de fundamental importância para a melhoria da qualidade no processo de ensino-aprendizagem, visto o aluno se motiva na busca de novos conhecimentos, o fazendo de forma autônoma, onde o mediador que aguça a criatividade e a criticidade dos alunos deve ser o professor.

O aluno no ensino a distância deve ser o centro do processo ensino-aprendizagem, utilizando as novas tecnologias, como por exemplo a internet, como fonte de pesquisa, trazendo textos para discussão em sala de aula, enfim, atuando ativamente durante o processo. Sandholz observa que

A tecnologia não é uma panacéia para a reforma do ensino, mas ela pode ser um catalizador significativo para mudança. Para aqueles que procuram uma solução simples e inovadora, a tecnologia não é a resposta. Para aqueles que procuram uma ferramenta poderosa para apoiar a tecnologia tem um enorme potencial (SANDHOLZ, 1997, p. 175).

3.4 – Tecnologias utilizadas na EAD

As tecnologias utilizadas para pessoas que se encontram distantes, localizadas em dois ou mais lugares distintos comunicarem-se se classificam essencialmente em:

3.4.1 – Audioconferência

Trata-se de uma conferência com dois ou mais interlocutores realizada através de áudio, permitindo a comunicação e a interação de pessoas que estão localizadas em locais distintos. Por ser a telefonia uma rede que existe mundialmente, a audioconferência via telefone viabiliza cursos a distância com baixo custo e organização rápida, sendo possível fazer um

trabalho de ensino e aprendizagem em equipe, onde todos participam das atividades propostas por um moderador.

3.4.2 – Teleconferência

Realiza-se via satélite, de maneira unidirecional (é essencialmente uma via de vídeo e uma via de áudio simultâneas). Utilizada na realização de palestras, apresentações de expositores ou em aulas, com a possibilidade de interação via fax, telefone ou Internet. O conferencista executa sua apresentação de um estúdio de televisão, falando “ao vivo” com seu público alvo, que recebe a imagem através de um aparelho televisor conectado a uma antena parabólica com um receptor sintonizado em um canal pré-determinado.

Viabiliza difundir conhecimento a um grande número de locais geograficamente dispersos, já que o acesso via satélite favorece as comunicações em grandes distâncias.

3.4.3 – Videoconferência

É uma tecnologia que viabiliza o encontro “face a face” de grupos distantes, localizados em dois ou mais lugares geograficamente diferentes. A comunicação acontece através de sinais de áudio e vídeo e a transmissão pode ocorrer tanto via satélite como por envio de sinais compactados de áudio e vídeo por meio de linhas telefônicas.

A videoconferência propicia o diálogo em duas vias, possibilitando que o processo ensino-aprendizagem aconteça em tempo real (*on-line*) e torne-se interativo, sendo que os participantes tem a oportunidade de se ver e ouvir simultaneamente, ou seja, que estejam “face a face”. Durante a aula enquanto o professor esclarece um conceito, pode adicionar vários outros recursos pedagógicos, como por exemplo: gráficos, projeção de vídeos, pesquisas na Internet, imagens bidimensionais em papel ou transparências, arquivos de computador, etc. O método possibilita que o aluno utilize os mesmos recursos pedagógicos de comunicação para interagir através de sugestões e principalmente tirar dúvidas.

Com a utilização da videoconferência é possível realizar todas as atividades próprias de uma reunião, dando a impressão que todos os participantes estão no mesmo espaço físico, indiferente da localização geográfica.

3.4.4 – Webconferência

É a videoconferência via Internet, ou seja, uma reunião ou encontro virtual realizada através de aplicativos ou serviços com possibilidade de compartilhamento de voz, vídeo, textos e arquivos via web. Alguns aplicativos de webconferência são planejados para serem usados por um grupo de pessoas em uma sala de reuniões, outros são usados por grupos menores em um escritório e outros são usados através do próprio computador pessoal. Em todas as circunstâncias o usuário terá acesso a imagens em movimento, escutará sons de forma clara e terá a impressão de estar trabalhando no mesmo ambiente com os envolvidos na webconferência.

Além de manter contato visual e auditivo o usuário terá a possibilidade de examinar documentos enquanto exhibe slides, trabalha em uma planilha ou cria um texto, tudo com o auxílio de um sistema de webconferência.

As palavras *web* (teia mundial) e *conference* (conferência) somam os dois ingredientes básicos necessários para originar sessões de videoconferência por intermédio da Internet. Para tanto é necessário que o computador possua uma câmera (webcam), um módulo (placa de digitalização e transmissão), bem como microfones e placa de som.

3.5 – Estruturas em EAD

A separação física e temporal entre professor e aluno durante a maior parte do tempo é, obviamente, a característica mais marcante da educação a distância.

Na educação a distância para que ocorra a comunicação é necessária a mediação da mídia (tecnologia) ou meio de comunicação utilizado no curso – áudio, vídeo, material impresso, videoconferência, teleconferência, Internet, softwares etc., que a diferenciam da educação presencial.

No ensino presencial, quando o professor está dentro da sala de aula, mesmo que os alunos não participem muito, este dispõe de uma série de sinais que permitem a interação,

Uma rápida olhada, por exemplo, revela quem está realmente fazendo anotações, refletindo sobre um conceito complexo ou se preparando para fazer um comentário. O estudante que está frustrado, cansado ou desatento também é facilmente identificado. O professor atento consciente e/ou inconscientemente recebe e processa estes sinais e ajusta a aula para atender as necessidades dos alunos. (Willis, 1993).

No ensino a distância esta percepção é filtrada pela tecnologia (mídia) e/ou preterida pela assincronicidade dos contatos por escrito, alterando a capacidade que um professor em uma sala de aula, na modalidade presencial, tem de adaptar o curso às necessidades inesperadas dos alunos.

Um dos pontos fundamentais para se alcançar os objetivos propostos da Educação a Distância é conhecer o perfil dos alunos e o contexto que estes estão inseridos. No ensino presencial temos os alunos reunidos em um local pré-determinado (sala de aula), com tempo dedicado para assistir aula e com a presença de colegas. No ensino a distância o contexto e o perfil dos alunos é muito diversificado, uma vez que a dispersão geográfica pode chegar a ser o Brasil inteiro e as variações culturais correspondem às do próprio país. Sendo assim o perfil dos alunos é a base para a elaboração do curso, da escolha da metodologia pedagógica e da mídia a ser utilizada.

3.5.1 – Perfil dos Alunos

Moore e Kearsley (1996, p. 163) apontam vários fatores extracurriculares que podem influenciar no desempenho do aluno a distância como “o trabalho (estabilidade, responsabilidades), família, saúde e obrigações sociais podem influenciar positiva ou adversamente o aluno”. Os autores citam como melhor indicador do sucesso de um aluno a distância é sua formação acadêmica. Quanto mais graduado o aluno, mais chance tem de completar com sucesso o curso. Billings (1989) afirma que a variável isolada mais importante é a intenção do aluno de completar o curso.

Willis (1996) aconselha que para compreender melhor a audiência, deve-se levar em consideração a idade, formação cultural, experiência, interesses e nível educacional.

Cursos que possam atender um grande número de alunos espalhados geograficamente necessitam da criação de materiais didáticos com qualidade, que leve em consideração a diversidade cultural dos alunos envolvidos no processo, tal como coloca Gardner (1994, p. 231) que os:

Símbolos e sistemas de símbolos adquirem sua maior utilidade quando entram na formação de produtos simbólicos completos: histórias e sonetos, peças e poesias, provas matemáticas e soluções de problemas, rituais e peças teatrais – todo tipo de entidades simbólicas que os indivíduos criam para transmitir um conjunto de significados e que outros indivíduos impregnados na cultura são capazes de entender, interpretar, reconhecer, criticar ou transformar.

Babin (1983, p. 132) ressalta a questão cultural do povo francês na aceitação de novas tecnologias de comunicação “uma técnica se introduz com maior ou menor rapidez na comunicação profunda e na educação, conforme responda ou não a uma série de disposições culturais preexistentes na população”.

Paulo Freire (1983, p. 132) ultrapassa a questão simbólica, enfatizando a importância da contextualização dos temas ao cotidiano e valores dos alunos:

Somente na comunicação tem sentido a vida humana. Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar no isolamento na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repetimos, de uma realidade.

A interação com a interface da mídia também deve ser considerada um elemento importante, que pode interferir no processo de ensino-aprendizagem, mesmo em cursos presenciais. Tomou-se como base o modelo de Hoffman e Mackin (1997), baseado nos trabalhos de Moore (1989) e Gunawardena, Hillman e Willis (1994), que considera quatro tipos de interação: aluno/interface, aluno/conteúdo, aluno/instrutor e aluno/aluno.

A primeira interação propicia a participação dos aprendizes nas demais interações, onde deixam de só receber a informação e passar, a participar do processo. A interação **aluno/interface** é a “linha vital” para todo o curso, pois se esta falhar, o aprendizado também pode falhar. Entre várias

medidas cabíveis, faz-se necessário tornar a tecnologia o mais amigável e transparente possível.

A segunda interação que ocorre entre o **aluno e o conteúdo**, é denominada por Michael Moore (apud Hoffman e Mackin, op. cit.) de “interação intelectual”, que trata-se daquela onde o entendimento, a percepção e as estruturas cognitivas do aluno são transformadas. A concepção dos conteúdos lecionados acontece de forma crítica para instigar a percepção, a cognição e a atenção do aluno e, esta por sua vez para que ocorra por longos períodos de tempo. Hoffman e Mackin (idem, p. 6) sugerem o “*interTRAINment*”, uma mistura de treinamento com entretenimento para capturar a atenção e estimular a imaginação dos educandos.

A terceira interação é a que acontece entre o **aluno e o professor**. O papel do instrutor é o de dirigir o fluxo da informação para o estudante, baseado em duas categorias gerais: o toque humano e o diretor de aprendizagem. O primeiro é a capacidade de estimular e motivar o aluno, manter o seu interesse, dar apoio e encorajá-lo no processo de aprendizagem. O diretor de aprendizagem é o papel que o professor representa na hora de organizar as matérias (o design do curso) e de providenciar o máximo de oportunidades de aprendizado ao aluno.

As interações **aluno-aluno** acontecem de duas maneiras principais, a primeira são contatos superficiais de caráter social, após o contato social ampliam-se as possibilidades de contatos com caráter educativo, com trabalhos em grupo, solução de problemas e discussões de cases. Estas interações quando bem projetadas oferecem a oportunidade para os estudantes expandirem e aplicarem o conhecimento do conteúdo das lições de outra maneira, impossível no estudo solitário.

3.5.2 – Pólo de Apoio Presencial

Um pólo de apoio presencial é um local estruturado para dar suporte a estudantes de cursos à distância. Será o local onde o estudante terá acesso à biblioteca, laboratório de informática, para acessar os módulos do curso disponíveis na *Internet*, ter atendimento de tutores, assistir aulas presenciais,

realizar práticas de laboratórios, avaliações presenciais, realizar seus estudos e atividades no ambiente virtual de aprendizagem, fazer estágios e outras práticas supervisionadas, bem como todas as demais tarefas exigidas a cada etapa no decorrer do curso. Em síntese, o pólo é o “braço operacional” da instituição de ensino superior na cidade do estudante ou mais próxima dele.

De acordo com a Portaria Normativa N.º 2, de 10/01/2007, o ato de autorização de credenciamento para EAD, requer que a Instituição de Ensino Superior tenha acrescidos a sua sede os endereços dos pólos presenciais, para fim de realização dos momentos presenciais obrigatórios. Segundo o Art. 2º, §1º:

“Pólo de apoio presencial é a unidade operacional para o desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância...”.

Nos Pólos de Apoio Presencial o aluno deverá contar com:

- Atendimento de professores-tutores presenciais, que darão reforço à aprendizagem do aluno, orientações, esclarecimentos e toda a ajuda que o aluno necessitar;
- Laboratório equipado com computadores e acesso à internet (para acesso ao ambiente virtual de aprendizagem, realização de pesquisas e outras atividades inerentes ao curso);
- Sala com equipamentos necessários para a realização dos encontros presenciais e para a transmissão da teleconferência;
- Biblioteca equipada com bibliografia atualizada e utilizada nos cursos que ocorrem no Pólo;

Os Pólos Presenciais tem, ainda, como papel fundamental oferecer o ambiente cultural acadêmico que complementam a educação universitária, além de poderem atuar na promoção da cultura e aprendizagem nas suas respectivas regiões.

3.5.3 – Tutor Presencial

O debate sobre EAD merece um tratamento especial, uma vez que esse assunto requer um esclarecimento de que estaremos situando nossa fala num campo cuja modalidade de ensino é diversa da modalidade de ensino presencial, portanto, capaz de revelar figuras até então desconhecidas, mas de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem, como é o caso do tutor.

O tutor é a figura que representa a instituição de ensino, pois ele é a pessoa que lida diretamente com o aluno, seja para prestar esclarecimentos administrativos, tecnológicos, pedagógicos ou simplesmente na monitoria das atividades que o estudante tem que realizar e, por isso, pode ser considerado uma peça chave no processo ensino-aprendizagem deste aluno.

O tutor é o responsável pela organização, e motivação dos acadêmicos presentes nas salas de apoio ao acadêmico. Deve prestar atendimento permanente ao acadêmico, sendo também o operador dos equipamentos e o facilitador do bom andamento dos cursos.

É aquele, que apóia a organização didático-pedagógica do estudo a distância, promove a participação ativa do aluno, recomenda literatura de apoio para compreensão, e aprofundamento do conteúdo, incentiva e orienta a elaboração do plano de estudos, acompanhando e avaliando a aprendizagem, à luz dos resultados da avaliação.

Muitos estudiosos que trabalham com formação de professores enfatizam a necessidade de contarmos com professores que utilizem a mediação eletrônica em sua práxis pedagógica. LIBÂNEO (1998) avalia os dias de hoje como um tempo onde se faz extremamente necessário reavaliar o papel do professor frente às especificidades da sociedade globalizada e informatizada a qual estamos inseridos. De acordo com LIBÂNEO (1998):

“(...) o novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar os meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias”.

O autor ainda enfatiza alguns critérios, pelos quais a nova prática docente deve se basear:

- “Assumir o ensino como mediação: aprendizagem ativa do aluno com a mediação pedagógica do professor”;
- “Modificar a ideia de uma escola e de uma prática pluridisciplinares, para uma escola e uma prática interdisciplinares”;
- “Conhecer estratégias do ensinar a pensar, ensinar a aprender e aprender a aprender”;
- “Persistir no empenho de auxiliar os alunos a buscarem uma perspectiva crítica dos conteúdos, a se habituarem a aprender as realidades enfocadas nos conteúdos escolares de forma crítico-reflexiva”;
- “Assumir o trabalho de sala de aula como um processo comunicacional e desenvolver a capacidade comunicativa”;
- “Reconhecer o impacto das novas tecnologias da comunicação e informação na sala de aula (televisão, vídeo, jogos, computador, Internet, CD-ROM etc.)”;
- “Atender a diversidade cultural e respeitar as diferenças no contexto da escola e da sala de aula”;
- “Investigar na atualização científica, técnica e cultural, como ingredientes do processo de formação continuada”;
- “Integrar no exercício da docência, a dimensão afetiva”;
- “Desenvolver comportamento ético e saber orientar os alunos valores e atitudes em relação à vida, ao ambiente, às relações humanas, a si próprios”. (LIBÂNEO, 1998).

Os professores não devem somente adaptar-se a novos equipamentos tecnológicos sofisticados. Só isso não indicará mudança pedagógica. Essa mudança é complicada e envolve grandes desafios. Sobre esse assunto, Valente afirma que

A informática deverá assumir duplo papel na escola. Primeiro, deverá ser uma ferramenta para permitir a comunicação de profissionais da escola e consultores ou pesquisadores externos, permitindo a presença virtual desse sistema de suporte da escola. Segundo, a informática poderá ser usada para apoiar a realização de uma pedagogia que proporcione a formação dos alunos, possibilitando o desenvolvimento de habilidades que serão fundamentais na sociedade do conhecimento (VALENTE, 1998, p.47).

BELLONI (1999) avalia algumas atribuições como fundamentais para os professores que estão envolvidos no ensino a distância:

“(…) Atuar como professor formador; como conceptor e realizador de cursos e materiais; como pesquisador por excelência; como tutor; como tecnólogo educacional; como recurso de consulta dos alunos; como monitor”.

A tutoria é o artifício mais empregado para concretizar a interação pedagógica e é de fundamental importância no processo ensino/aprendizagem no método de ensino a distância. O bom tutor deve propiciar a realização de atividades, ajudar na resolução de problemas e não apenas mostrar a

resposta certa; fornecendo fontes novas de informação com isso promovendo sua compreensão.

O tutor deve esclarecer as normas do curso e ser eficiente na comunicação que mantém com seus alunos, não deixando dúvidas ou dúbias interpretações das informações que passa aos educandos para não prejudicar o processo ensino-aprendizagem. Além disso, deve colaborar com sugestões a respeito de estratégias para o auto-estudo, orientando para a utilização dos recursos disponíveis no pólo presencial, como, por exemplo, a biblioteca ou o ambiente virtual de aprendizagem. Outra coisa importante é o tutor estar sempre atento as dificuldades encontradas pelos alunos para resolução dos trabalhos propostos pelos professores. Enfim, deve ajudar o aluno a construir seu aprendizado com autonomia e eficiência.

A educação à distância, requer sistematização de estudos apropriada a essa modalidade ensino. Assim, é necessário que o tutor oriente os educandos, para que hábitos improdutivos, adquiridos no decorrer da vida escolar presencial, sejam vencidos, agindo como um profissional que conhece e respeita as diversas maneiras de aprender.

Conhecimentos necessários ao tutor:

- ❖ do conteúdo programático;
- ❖ pedagógico;
- ❖ curricular;
- ❖ dos contextos educacionais;
- ❖ dos recursos tecnológicos educacionais, ou seja, deve ter domínio técnico do ambiente virtual de aprendizagem que está utilizando.

Habilidades e competências necessárias ao tutor:

- ❖ realizar planejamentos;
- ❖ acompanhar e avaliar atividades;
- ❖ atuar como mediador entre alunos e a Instituição de Ensino Superior ou com o pólo presencial;
- ❖ estimular o aluno para a busca do conhecimento;
- ❖ ser capaz de gerenciar equipes;
- ❖ saber lidar com turmas heterogêneas;

3.5.4 – Web Tutor ou Tutor a Distância

O web-tutor é um profissional do setor pedagógico, contratado pela Instituição de Ensino Superior, que faz a mediação dos fóruns propostos pelos professores titulares e atende de forma *online* as dúvidas pedagógicas dos alunos. É de responsabilidade do web-tutor, responder os questionamentos referentes aos conteúdos de cada disciplina.

As intervenções do tutor na educação à distância, demarcadas em um quadro institucional diferente, distinguem-se em função de três dimensões de análise, tais intervenções também podem ser aplicadas ao web-tutor (LITWIN, 2001, p. 102):

- ❖ tempo – o web-tutor terá que aproveitar da melhor maneira possível seu tempo, pois não sabe quando o aluno irá contatá-lo para tirar suas dúvidas, sendo assim aumenta o compromisso da sua tarefa;
- ❖ oportunidade – no ensino presencial, o professor sabe que o aluno voltará caso não descubra uma resposta satisfatória, o questionará novamente ou fará isso a seus colegas. Porém, o web-tutor deve oferecer uma resposta específica quando for procurado, pois não tem certeza se este aluno voltará a questioná-lo sobre o assunto;
- ❖ risco – o risco incide em admitir que os alunos obtenham uma compreensão parcial do tema, podendo assim se tornar uma construção errada. O web-tutor sempre deve aprofundar o tema oportunizando assim o processo de reconstrução do conhecimento no aluno.

4 – METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como principal objetivo traçar o perfil da Educação a Distância no sul do Rio Grande do Sul, avaliando os pólos de EaD localizados nos municípios de Pelotas, Rio Grande e Santa Vitória do Palmar em relação aos indicadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES).

Foram visitados 13 (treze) Pólos de Apoio Presencial de Educação a Distância, sendo 2 (dois) no município de Rio Grande, 5 (cinco) em Pelotas e 6 (seis) em Santa Vitória do Palmar.

Estes pólos foram escolhidos através de pesquisa realizada no site do MEC (www.mec.gov.br), no item de pólos credenciados para oferta de ensino a distância.

4.1 – Delineamento:

Foi realizado um estudo utilizando as informações levantadas a partir do SINAES/INEP/MEC, informações estas que foram usadas para construção dos indicadores.

4.2 – Amostra

- O estudo foi realizado com 13 pólos de EAD, sendo 2 no município de Rio Grande, 5 em Pelotas e 6 em Santa Vitória do Palmar, conforme quadro abaixo:

Município	Instituição de Ensino Superior	Endereço do Pólo Presencial
Pelotas	FAEL – Faculdade Educacional da Lapa	Rua Andrade Neves, n.º 1100.
Pelotas	UCB – Universidade Castelo Branco	Rua Félix da Cunha, n.º 400.

Pelotas	UNITINS – Fundação Universidade do Tocantins	Rua Andrade Neves, n.º 1100.
Pelotas	UNOPAR – Universidade do Norte do Paraná	Av. Bento Gonçalves, n.º 4302.
Pelotas	UNIDERP – Anhanguera	Av. Fernando Osório, n.º 2301.
Rio Grande	UCB – Universidade Castelo Branco	Rua Gal. Neto, n.º 215.
Rio Grande	UNIDERP – Anhanguera	Rua Aquidabam, n.º 714, 1º andar.
Santa Vitória do Palmar	FAEL – Faculdade Educacional da Lapa	Rua Conde de Porto Alegre, n.º 222.
Santa Vitória do Palmar	UNITINS – Fundação Universidade do Tocantins	Rua Conde de Porto Alegre, n.º 222.
Santa Vitória do Palmar	UNOPAR – Universidade do Norte do Paraná	Rua Conde de Porto Alegre, n.º 222.
Santa Vitória do Palmar	IFSul – Instituto Federal Sul Riograndense	Rua Campos Neutrais, n.º 760 – Anexo I.
Santa Vitória do Palmar	FURG – Fundação Universidade do Rio Grande	Rua Barão do Rio Branco, n.º 760.
Santa Vitória do Palmar	UFPel – Universidade Federal de Pelotas	Rua Barão do Rio Branco, n.º 760.

- Nos 13 (treze) pólos visitados, foram entregues 150 questionários a alunos, com o objetivo de identificar o índice de satisfação destes alunos com o método de ensino ao qual estão inseridos. Esta entrega se deu de forma aleatória, ou seja, nos dias que foram feitas as entrevistas com os gestores a pesquisadora entregou questionário para os alunos que tinham aulas naquele dia. No total, 108 alunos responderam ao questionário, tendo variado de três a 22 por pólo e distribuídos em 15 cursos de graduação.

4.3 – Instrumentos

4.3.1 – SINAES

As informações foram coletadas pelo instrumento de avaliação para o credenciamento de instituições de educação superior e seus pólos de apoio presencial, para a modalidade de educação a distância do SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior), do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, conforme Portaria n.º 1.047, de 7/11/2007 que aprova, em extrato, as diretrizes para elaboração, pelo INEP, dos instrumentos de avaliação para o credenciamento de instituições de educação superior e seus pólos de apoio presencial, para a modalidade de educação a distância, nos termos do art. 6 inciso IV, do Decreto 5.773/2006.

O SINAES tem como objetivos:

- ❖ Identificar mérito e valor das instituições, áreas, cursos e programas, nas dimensões de ensino, pesquisa, extensão, gestão e formação;
- ❖ Melhorar a qualidade da educação superior, orientar a expansão da oferta;
- ❖ Promover a responsabilidade social das IES, respeitando a identidade institucional e a autonomia.

No SINAES a integração dos instrumentos (auto-avaliação, avaliação externa, avaliação das condições de ensino, Enade, censo e cadastro) permite a atribuição de conceitos, ordenados numa escala com cinco níveis, a cada uma das dimensões e ao conjunto de dimensões avaliadas.

Foi utilizado o Instrumento de Avaliação para Credenciamento de Pólos de Apoio Presencial para Educação a Distância.

Para o credenciamento dos pólos para oferta de educação superior a distância, foi considerada a dimensão única de projeto de pólo com as seguintes categorias de análise:

- 1) Organização institucional, com os indicadores:
 - a) Planejamento e implantação do pólo
 - b) Justificativa para implantação do pólo

2) Corpo Social, com os indicadores:

- a) Titulação acadêmica do coordenador do pólo
- b) Experiência acadêmica do coordenador do pólo
- c) Vínculo de trabalho do coordenador do pólo
- d) Titulação dos tutores
- e) Qualificação e formação dos tutores em EAD
- f) Corpo técnico e administrativo de apoio às atividades acadêmico-administrativas do pólo

3) Infra-estrutura, com os indicadores:

- a) Instalações administrativas
- b) Salas de aula/tutoria
- c) Sala para coordenação do pólo
- d) Sala para tutores
- e) Auditório/Sala de conferência
- f) Instalações sanitárias
- g) Áreas de convivência
- h) Recursos de informática
- i) Recursos de TIC (audiovisuais e multimídia)
- j) Biblioteca: instalações para o acervo e funcionamento
- k) Biblioteca: instalações para estudos individuais e em grupo
- l) Biblioteca: livros da bibliografia básica
- m) Biblioteca: livros da bibliografia complementar
- n) Biblioteca: periódicos especializados
- o) Laboratórios especializados

Os instrumentos de avaliação de pólos foram construídos com a indicação dos requisitos legais pertinentes à educação superior, em especial, à modalidade de educação a distância e, com parte inicial dedicada ao levantamento das características e informações do pólo, quanto às especificidades da modalidade de EAD.

AVALIAÇÃO DO PÓLO

A seguir estão descritas as categorias que foram utilizadas na análise dos pólos de EAD, com as respectivas pontuações.

1. Categoria de análise: organização institucional (Fontes de Consulta: PDI, Estatuto e Regimento)

Indicadores	Conceito	Crterios de análise
1.1 Planejamento e Implantação do Pólo	5	Quando o pólo de apoio presencial está definido no PDI e a IES ou a Instituição conveniada, responsável pelo Pólo, apresenta plenas condições para sua implantação e manutenção para o(s) curso(s) previsto(s).
	4	Quando o pólo de apoio presencial está definido no PDI e a IES ou a Instituição conveniada, responsável pelo Pólo, apresenta adequadas condições para sua implantação e manutenção para o(s) curso(s) previsto(s).
	3	Quando o pólo de apoio presencial está definido no PDI e a IES ou a Instituição conveniada, responsável pelo Pólo, apresenta suficientes condições para sua implantação e manutenção para o(s) curso(s) previsto(s).
	2	Quando o pólo de apoio presencial está definido no PDI e a IES ou a Instituição conveniada, responsável pelo Pólo, apresenta insuficientes condições para sua implantação e manutenção para o(s) curso(s) previsto(s).
	1	Quando o pólo de apoio presencial está definido no PDI e a IES ou a Instituição conveniada, responsável pelo Pólo, apresenta precárias condições para sua implantação e manutenção para o(s) curso(s) previsto(s).

1.2 Justificativa para a implantação do pólo	5	Quando a IES ou a Instituição conveniada, responsável pelo Pólo, apresenta justificativa coerente e plenamente adequada à missão institucional para a implantação do pólo de apoio presencial na região indicada, assumindo compromissos com a formação continuada de professores e com o desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade local.
	4	Quando a IES ou a Instituição conveniada, responsável pelo Pólo, apresenta justificativa coerente e adequada à missão institucional para a implantação do pólo de apoio presencial na região indicada, com compromisso preciso em relação às demandas

		específicas da sociedade local.
	3	Quando a IES ou a Instituição conveniada, responsável pelo Pólo, apresenta justificativa coerente e suficiente à missão institucional para a implantação do pólo de apoio presencial na região indicada.
	2	Quando a IES ou a Instituição conveniada, responsável pelo Pólo, apresenta justificativa de maneira insuficiente à sua missão institucional para a implantação do pólo de apoio presencial na região indicada.
	1	Quando a IES ou a Instituição conveniada, responsável pelo Pólo, não justifica ou justifica precariamente a implantação do mesmo.

Quadro 4 – Categoria de análises: organização institucional (SINAES)

2. Categoria de análise: Corpo social (Fonte de consulta: PDI, PPC, Estatuto e Regimento Interno)

Indicadores	Conceito	Crterios de análise
2.1 Titulação acadêmica do coordenador do pólo	5	Quando o coordenador de pólo tem titulação em pós-graduação stricto sensu e formação específica em EAD.
	4	Quando o coordenador do pólo tem titulação em pós-graduação lato sensu e formação específica em EAD.
	3	Quando o coordenador do pólo tem titulação de graduação e formação específica em EAD.
	2	Quando o coordenador do pólo não tem titulação em graduação ou não tem formação específica em EAD.
	1	Quando o coordenador do pólo não tem titulação em graduação e não tem formação específica em EAD.

2.2 Experiência acadêmica e administrativa do coordenador do pólo	5	Quando o coordenador de pólo tem experiência docente de, pelo menos, quatro (4) anos, e dois (2) anos de experiência em administração acadêmica.
	4	Quando o coordenador de pólo tem experiência docente de, pelo menos, três (3) anos, e um (1) ano de experiência em administração acadêmica.
	3	Quando o coordenador do pólo tem experiência docente de, pelo menos dois (2) anos, e um (1) ano de experiência em administração acadêmica.
	2	Quando o coordenador do pólo tem experiência docente inferior a dois (2) anos, ou não tem experiência em administração acadêmica.
	1	Quando o coordenador do pólo não tem experiência docente.

2.3 Vínculo de trabalho do coordenador de pólo	5	Quando o coordenador de pólo de apoio presencial tem previsão de contrato de trabalho de, pelo menos, quarenta (40) horas semanais.
	4	Quando o coordenador de pólo de apoio presencial tem previsão de contrato de trabalho de, pelo menos, trinta (30) horas semanais.
	3	Quando o coordenador de pólo de apoio presencial tem previsão de contrato de trabalho de, pelo menos, vinte (20) horas semanais.
	2	Quando o coordenador de pólo de apoio presencial tem previsão de contrato de trabalho inferior a vinte (20) horas semanais.
	1	Quando o coordenador de pólo de apoio presencial tem previsão de contrato de trabalho inferior a dez (10) horas semanais.

2.4 Titulação dos Tutores	5	Quando pelo menos, 50% do corpo de tutores presenciais tem titulação mínima em nível de pós-graduação <i>lato sensu</i> .
	4	Quando pelo menos, 1/3 do corpo de tutores presenciais tem titulação mínima em nível de pós-graduação <i>lato sensu</i> .
	3	Quando o corpo de tutores tem titulação de graduação .
	2	Quando nem todos os tutores presenciais tem titulação de graduação, mas são, pelo menos, graduandos .
	1	Quando menos de 50% dos tutores presenciais tem titulação em nível de graduação.

2.5 Qualificação e formação dos tutores em EAD	5	Quando todos os tutores presenciais tem qualificação específica em educação a distância e formação superior na área do conhecimento.
	4	Quando, pelo menos, 75% dos tutores presenciais tem qualificação específica em educação a distância e formação superior na área do conhecimento.
	3	Quando, pelo menos, 50% dos tutores presenciais tem qualificação específica em educação a distância e formação superior na área do conhecimento.
	2	Quando menos de 50% dos tutores presenciais tem qualificação específica em educação a distância e formação superior na área do conhecimento.
	1	Quando menos de 25% dos tutores presenciais tem qualificação específica em educação a distância e formação na área do conhecimento.

2.6 Corpo técnico-administrativo de apoio às atividades acadêmico-administrativas do pólo.	5	Quando o projeto de infra-estrutura de pessoal para o pólo prevê a contratação de profissionais técnico-administrativos em quantidade e formação plenamente adequadas.
	4	Quando o projeto de infra-estrutura de pessoal para o pólo prevê a contratação de profissionais técnico-administrativos em quantidade e formação adequadas .
	3	Quando o projeto de infra-estrutura de pessoal para o pólo prevê a contratação de profissionais técnico-administrativos em quantidades e formação suficientes .
	2	Quando o projeto de infra-estrutura de pessoal para o pólo prevê a contratação de profissionais técnico-administrativos em quantidade e formação insuficientes .
	1	Quando o projeto de infra-estrutura de pessoal para o pólo não prevê (ou prevê, mas de maneira precária) a contratação de profissionais técnico-administrativos em quantidade e formação adequadas.

Quadro 5 – Categoria de análise: corpo social (SINAES).

3. Categoria de análise: infra-estrutura

3.1 Instalações administrativa	5	Quando as instalações administrativas envolvidas nas atividades do pólo, atendem, plenamente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	4	Quando as instalações administrativas envolvidas nas atividades do pólo, atendem, adequadamente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	3	Quando as instalações administrativas envolvidas nas atividades do pólo, atendem, suficientemente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	2	Quando as instalações administrativas envolvidas nas atividades do pólo, atendem, insuficientemente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	1	Quando as instalações administrativas envolvidas nas atividades de pólo são, em todos os sentidos precárias .

3.2 Salas de aula/tutoria	5	Quando as salas de aula/tutoria estão equipadas segundo a finalidade, e atendem, plenamente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e
---------------------------	---	---

		comodidade necessária à atividade proposta.
	4	Quando as salas de aula/tutoria estão equipadas segundo a finalidade, e atendem, adequadamente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	3	Quando as salas de aula/tutoria estão equipadas segundo a finalidade, e atendem, suficientemente aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	2	Quando as salas de aula/tutoria estão insuficientemente equipadas segundo a finalidade ou atendem, insuficientemente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	1	Quando as salas de aula/tutoria são, em todos os sentidos precárias .

3.3 Sala para a coordenação do pólo	5	Quando a sala da coordenação do pólo está equipada, segundo a finalidade, e atende, plenamente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	4	Quando a sala da coordenação do pólo está equipada, segundo a finalidade, e atende, adequadamente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	3	Quando a sala da coordenação do pólo está equipada, segundo a finalidade, e atende, suficientemente aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	2	Quando a sala da coordenação do pólo está insuficientemente equipada, segundo a finalidade, ou atende, insuficientemente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	1	Quando a sala da coordenação do pólo é, em todos os sentidos, precária .

3.4 Sala para tutores	5	Quando a sala para a equipe de tutores presenciais está equipada, segundo a finalidade, e atende, plenamente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
-----------------------	----------	--

	4	Quando a sala para a equipe de tutores presenciais está equipada, segundo a finalidade, e atende, adequadamente aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	3	Quando a sala para a equipe de tutores presenciais está equipada, segundo a finalidade, e atende, suficientemente aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	2	Quando a sala para a equipe de tutores presenciais está insuficientemente equipada, segundo a finalidade, ou atende, insuficientemente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	1	Quando a sala para a equipe de tutores presenciais é, em todos os sentidos, precária .

3.5 Auditório/Sala de Conferência	5	Quando o(s) auditório ou sala(s) de conferência atende(m), plenamente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	4	Quando o(s) auditório ou sala(s) de conferência atende(m), adequadamente aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	3	Quando o(s) auditório ou sala(s) de conferência atende(m), suficientemente aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	2	Quando o(s) auditório ou sala(s) de conferência atende(m), insuficientemente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	1	Quando não há auditório ou sala de conferência.

3.6 Instalações sanitárias	5	Quando as instalações sanitárias atendem de maneira plena aos requisitos de espaço físico, iluminação, ventilação e limpeza.
----------------------------	----------	---

	4	Quando as instalações sanitárias atendem de maneira adequada aos requisitos de espaço físico, iluminação, ventilação e limpeza.
	3	Quando as instalações sanitárias atendem de maneira suficiente aos requisitos de espaço físico, iluminação, ventilação e limpeza.
	2	Quando as instalações sanitárias atendem aos requisitos de espaço físico, iluminação, ventilação e limpeza, porém de maneira insuficiente .
	1	Quando as instalações sanitárias são precárias .

3.7 Áreas de convivência	5	Quando está prevista a implantação de infra-estrutura, com espaços que atendam, plenamente , às necessidades de convivência, lazer e expressão político-cultural dos alunos.
	4	Quando está prevista a implantação de infra-estrutura, com espaços que atendam, adequadamente às necessidades de convivência, lazer e expressão político-cultural dos alunos.
	3	Quando está prevista a implantação de infra-estrutura, com espaços que atendam, suficientemente às necessidades de convivência, lazer e expressão político-cultural dos alunos.
	2	Quando a infra-estrutura de espaços previstos para atender às necessidades de convivência, lazer e expressão político-cultural dos alunos é insuficiente .
	1	Quando a infra-estrutura de espaços previstos para atender às necessidades de convivência, lazer e expressão político-cultural dos alunos não estão previstos ou são precários .

3.8 Recursos de Informática	5	Quando o pólo disponibiliza recursos de informática atualizados, com acesso a internet, em quantidade e qualidade compatíveis com as necessidades das atividades propostas e que atendam, plenamente , às demandas individuais dos alunos.
	4	Quando o pólo disponibiliza recursos de informática atualizados, com acesso a internet, em quantidade e qualidade compatíveis com as necessidades das atividades propostas e que atendam, adequadamente , às demandas individuais dos alunos.
	3	Quando o pólo disponibiliza recursos de informática atualizados, com acesso a internet, em quantidade e qualidade compatíveis com as necessidades das atividades propostas e que atendam, suficientemente , às demandas individuais dos alunos.
	2	Quando o pólo disponibiliza recursos de informática, com acesso a Internet, mas em quantidade e qualidade insuficientemente compatíveis com as necessidades das atividades propostas ou que não atendam as demandas individuais dos alunos.

	1	Quando o pólo não disponibiliza recursos de informática ou quando disponibiliza o faz em quantidade e qualidade precárias e inadequadas com as necessidades das atividades propostas e com as demandas individuais dos alunos.
--	---	--

3.9 Recursos de Tecnologias de Informação e Comunicação (audiovisuais e multimídia)	5	Quando o pólo apresenta recursos de TIC (audiovisuais, incluindo multimídia) em quantidade e qualidade suficientes, para atender, plenamente , às necessidades de professores, tutores, técnicos e estudantes.
	4	Quando o pólo apresenta recursos de TIC (audiovisuais, incluindo multimídia) em quantidade e qualidade suficientes, para atender, adequadamente às necessidades de professores, tutores, técnicos e estudantes.
	3	Quando o pólo apresenta recursos de TIC (audiovisuais, incluindo multimídia) em quantidade e qualidade suficientes, para atender, suficientemente às necessidades de professores, tutores, técnicos e estudantes.
	2	Quando o pólo apresenta recursos de TIC (audiovisuais, incluindo multimídia) em quantidade ou qualidade insuficiente , para atender às necessidades de professores, tutores, técnicos e estudantes.
	1	Quando o pólo não apresenta recursos de TIC (audiovisuais, incluindo multimídia) ou apresenta em quantidade ou qualidade precária , para atender às necessidades de professores, tutores, técnicos e estudantes.

3.10 Biblioteca: instalações para o acervo e funcionamento	5	Quando as instalações para o acervo e funcionamento da biblioteca atendem, plenamente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação e comodidade necessárias à atividade proposta.
	4	Quando as instalações para o acervo e funcionamento da biblioteca atendem, adequadamente aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação e comodidade necessárias à atividade proposta.
	3	Quando as instalações para o acervo e funcionamento da biblioteca atendem, suficientemente aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação e comodidade necessárias à atividade proposta.
	2	Quando as instalações para o acervo e funcionamento da biblioteca atendem, insuficientemente , aos requisitos de dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, segurança, conservação e comodidade necessária à atividade proposta.
	1	Quando as instalações para o acervo e funcionamento da

	biblioteca são precárias.
--	---------------------------

3.11 Biblioteca: instalações para estudos individuais e em grupo	5	Quando existem instalações para estudos individuais e em grupo e elas atendem plenamente , às necessidades do(s) curso(s).
	4	Quando existem instalações para estudos individuais e em grupo e elas atendem adequadamente , às necessidades do(s) curso(s).
	3	Quando existem instalações para estudos individuais e em grupo e elas atendem suficientemente às necessidades do(s) curso(s).
	2	Quando as instalações para estudos individuais e em grupo são insuficientes .
	1	Quando não existem instalações para estudos individuais e em grupo, ou se existem, são precárias .

3.12 Livros da Bibliografia básica	5	Quando o acervo atende aos programas das disciplinas da primeira metade do(s) curso(s), em quantidade suficiente, na proporção de um (1) exemplar para até seis (6) alunos, previstos para cada turma, referentes aos títulos indicados na bibliografia básica (mínimo 3 bibliografias), e é atualizado e tombado junto ao patrimônio da IES.
	4	Quando o acervo atende aos programas das disciplinas da primeira metade do(s) curso(s), em quantidade suficiente, na proporção de um (1) exemplar para até oito (8) alunos, previstos para cada turma, referentes aos títulos indicados na bibliografia básica (mínimo de 3 bibliografias), e é atualizado e tombado junto ao patrimônio da IES.
	3	Quando o acervo atende aos programas das disciplinas da primeira metade do(s) curso(s), em quantidade suficiente, na proporção de um (1) exemplar para até dez (10) alunos, previstos para cada turma, referentes aos títulos indicados na bibliografia básica (mínimo de 3 bibliografias), e é atualizado e tombado junto ao patrimônio da IES.
	2	Quando o acervo atende aos programas das disciplinas da primeira metade do(s) curso(s), em quantidade suficiente, na proporção de um (1) exemplar para mais de dez (10) alunos, previstos para cada turma, referentes aos títulos indicados na bibliografia básica (mínimo de 3 bibliografias), ou não está atualizado e tombado junto ao patrimônio da IES.
	1	Quando o acervo atende aos programas das disciplinas da primeira metade do(s) curso(s), em quantidade suficiente, na proporção de um (1) exemplar para mais de quinze (15) alunos,

	previstos para cada turma, referentes aos títulos indicados na bibliografia básica.
--	---

3.13 Livros da bibliografia complementar	5	Quando o acervo atende, plenamente , as indicações bibliográficas complementares feitas pelos programas das disciplinas.
	4	Quando o acervo atende, adequadamente as indicações bibliográficas complementares feitas pelos programas das disciplinas.
	3	Quando o acervo atende, suficientemente as indicações bibliográficas complementares feitas pelos programas das disciplinas.
	2	Quando o acervo atende de forma insuficiente as indicações bibliográficas complementares feitas pelos programas das disciplinas.
	1	Quando o acervo não atende as indicações bibliográficas complementares feitas pelos programas das disciplinas.

3.14 Periódicos especializados	5	Quando existe assinatura de periódicos especializados, indexados e correntes, sob a forma impressa ou informatizada, abrangendo todas as áreas temáticas, distribuídos entre as principais áreas do curso e a maioria deles assinados nos últimos três anos .
	4	Quando existe assinatura de periódicos especializados, indexados e correntes, sob a forma impressa ou informatizada, abrangendo todas as áreas temáticas, distribuídos entre as principais áreas do curso e a maioria deles assinados nos últimos dois anos .
	3	Quando existe assinatura de periódicos especializados, indexados e correntes, sob a forma impressa ou informatizada, abrangendo as principais áreas temáticas, distribuídos entre as principais áreas do curso.
	2	Quando os periódicos especializados, sob a forma impressa ou informatizada, atendem, de maneira insatisfatória , as principais áreas do curso.
	1	Quando os periódicos especializados, sob a forma impressa ou informatizada, não existem, ou atendem precariamente , as demandas do curso.

3.15 Laboratórios especializados	5	Quando está prevista a implantação de laboratórios especializadas com regulamento específico, destinados à realização das aulas práticas, com perspectivas de pleno atendimento das demandas da primeira metade do(s) curso(s).
----------------------------------	---	--

	4	Quando está prevista a implantação de laboratórios especializadas com regulamento específico, destinados à realização das aulas práticas, com perspectivas de adequado atendimento das demandas da primeira metade do(s) curso(s).
	3	Quando está prevista a implantação de laboratórios especializadas com regulamento específico, destinados à realização das aulas práticas, com perspectivas de suficiente atendimento das demandas da primeira metade do(s) curso(s).
	2	Quando os laboratórios especializados previstos atendem, insuficientemente , as demandas da primeira metade do(s) curso(s).
	1	Quando não estão previstos (ou estão previstos, mas de maneira precária) laboratórios para as atividades práticas do(s) curso(s).

Quadro 5 – Categoria de análise: infraestrutura (SINAES)

Tabela de Pesos dos Indicadores

		Pesos
1	Organização Institucional	
1.1	Planejamento de implantação do pólo	1
1.2	Justificativa para a implantação	1
2	Corpo Social	
2.1	Titulação acadêmica do Coordenador do pólo	1
2.2	Experiência acadêmica e administrativa do coordenador do pólo	1
2.3	Vínculo de trabalho do coordenador do pólo	1
2.4	Titulação dos tutores	1
2.5	Qualificação e formação dos tutores em EAD	1
2.6	Corpo técnico-administrativo de apoio às atividades acadêmico-administrativo do pólo	2
3	Instalações físicas	
3.1	Instalações administrativas	1
3.2	Sala de aula/tutora	1
3.3	Sala para a coordenação do pólo	1
3.4	Sala para tutores	1
3.5	Auditório/sala de conferência	1
3.6	Instalações sanitárias	1

3.7	Áreas de convivência	1
3.8	Recursos de informática	3
3.9	Recursos de TIC (Audiovisual e multimídia)	1
3.10	Biblioteca: Instalações para o acervo e funcionamento	1
3.11	Biblioteca: Instalações para estudos individuais e em grupo	2
3.12	Livros da biblioteca básica	3
3.13	Livros da biblioteca complementar	2
3.14	Periódicos especializados	1
3.15	Laboratórios especializados	3

Tabela 1: Pesos dos indicadores (SINAES).

5 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram visitados 13 (treze) Pólos de Apoio Presencial de Educação a Distância, sendo 2 (dois) no município de Rio Grande, 5 (cinco) em Pelotas e 6 (seis) em Santa Vitória do Palmar, onde 62% destes deram início às suas atividades entre os anos de 2006 e 2007, como demonstra a Figura 1.

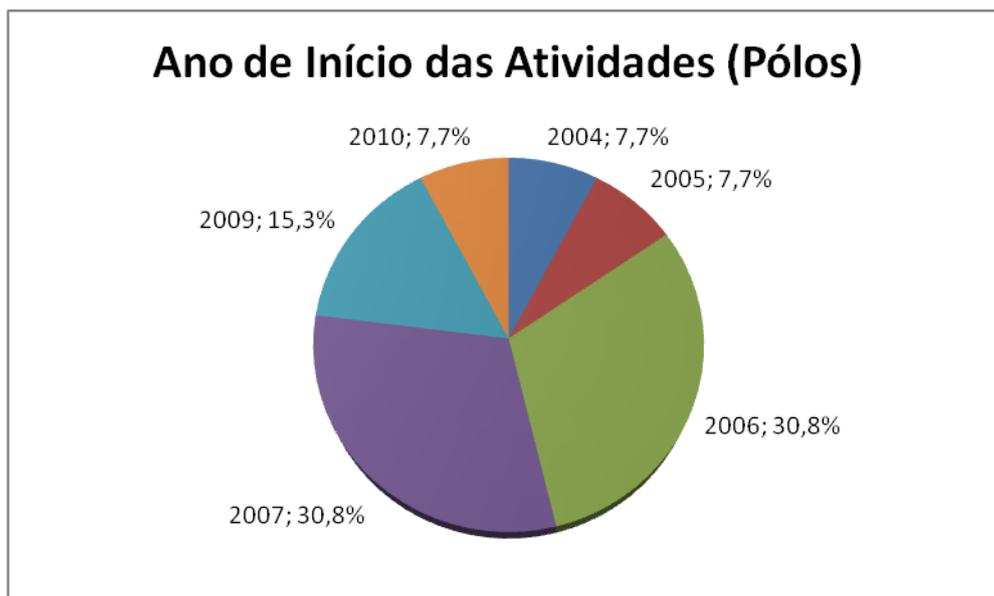


Figura 1: Ano de início das atividades dos pólos de apoio presencial de Educação a Distância.

A soma dos alunos de todos os pólos foi de 2.997 estudantes. Pólos com até 200 alunos equivaleram a 38,5%. O pólo com menor quantidade de alunos contava com 25 estudantes e o pólo com maior número de alunos possuía 1.056 acadêmicos.

5.1 – Formas de Recepção

A forma de recepção encontrada em quase todos os pólos foi a “organizada”, que de acordo com Saraiva (1995) esta modalidade de recepção é a mais encontrada atualmente nos cursos superiores a distância. Caracteriza-se pela presença constante do tutor que orienta e dinamiza as atividades da

telessala, facilitando e mediando o processo ensino-aprendizagem, o controle e a avaliação dos alunos.

Mesmo que não façam uso de todas suas funcionalidades, todas as IES (Instituições de Ensino Superior) pesquisadas utilizavam da forma de recepção informatizada, onde a comunicação pode ocorrer de forma assíncrona com troca de mensagens por e-mail, ou de forma síncrona onde o aluno pode se comunicar em tempo real com o professor e com outros alunos.

5.2 – Comunicação e Interatividade

De acordo com Rapchan (2002) um dos indicadores de qualidade faz referência a boa comunicação e a interatividade entre professor e aluno. Na busca desta qualidade todas as IES se utilizavam de algum Ambiente Virtual de Aprendizagem, o que facilita muito o contato dos alunos com os professores, com os colegas e principalmente com o conteúdo programático.

5.3 – Cursos e habilitações ofertados

Os cursos encontrados com maior freqüência foram: Administração, presente em 69,2% dos pólos, Pedagogia, presente em 61,5% e Serviço Social com uma freqüência de 53,8%.

Sabe-se que cada curso conta com uma habilitação, sendo estas: licenciatura, bacharelado e tecnólogo superior, todos a nível de graduação.

Apenas um dos pólos visitados não oferecia nenhum tipo de licenciatura, sendo que 92,3% oferecia algum tipo de curso com habilitação em licenciatura, enquanto os bacharelados apareceram com 76,9% e os tecnólogos superiores em 61,5% dos casos.

5.4 – Coordenadores de Pólo

Constatou-se que 100% dos coordenadores de pólo são graduados. Destes 46,2% possuem licenciatura em Matemática e Tecnologia Superior em Processamento de Dados. Tivemos 30,8% formados em Administração e

Licenciatura em Letras e os demais (33%) possuíam graduação em diversas áreas (Figura 2).

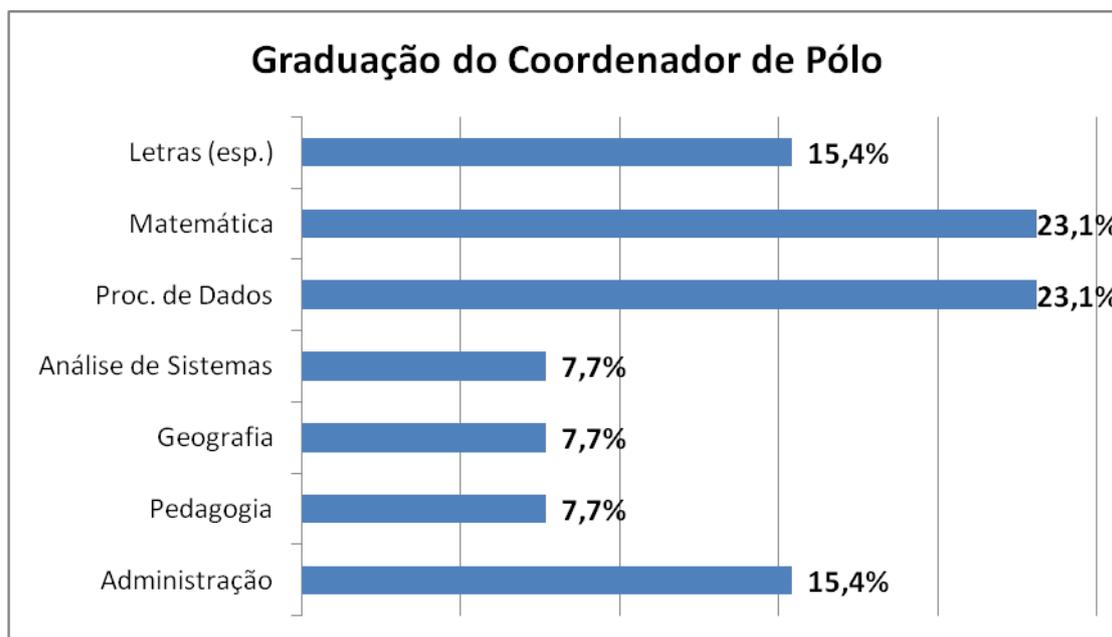


Figura 2: Demonstrativo de formação em nível de Graduação dos Coordenadores de Pólo.

Apenas um coordenador não possuía pós-graduação em nível de especialização, o que significa que 92,3% são pós-graduados. Destes, 53,9% possuíam especialização em EAD ou em Informática na Educação (Figura 3).

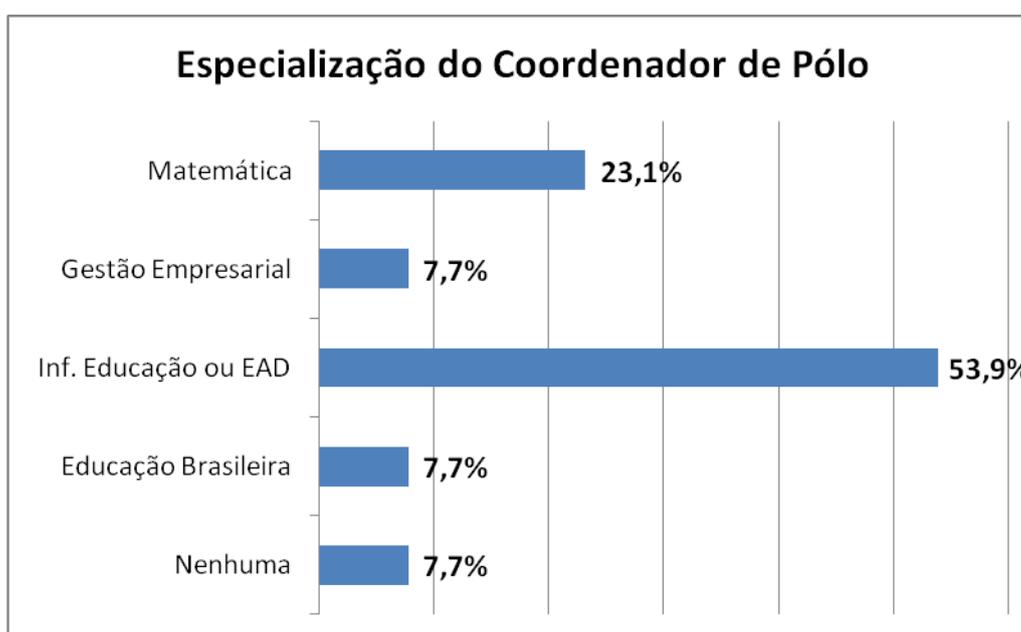


Figura 3: Demonstrativo da formação a nível de especialização dos Coordenadores de Pólo.

Ao tratar de formação específica em EAD, também verificou-se que apenas um coordenador não possuía tal capacitação, sendo assim 92,3% dos coordenadores possuíam treinamento ou formação específica em EAD⁷ (Figura 4).

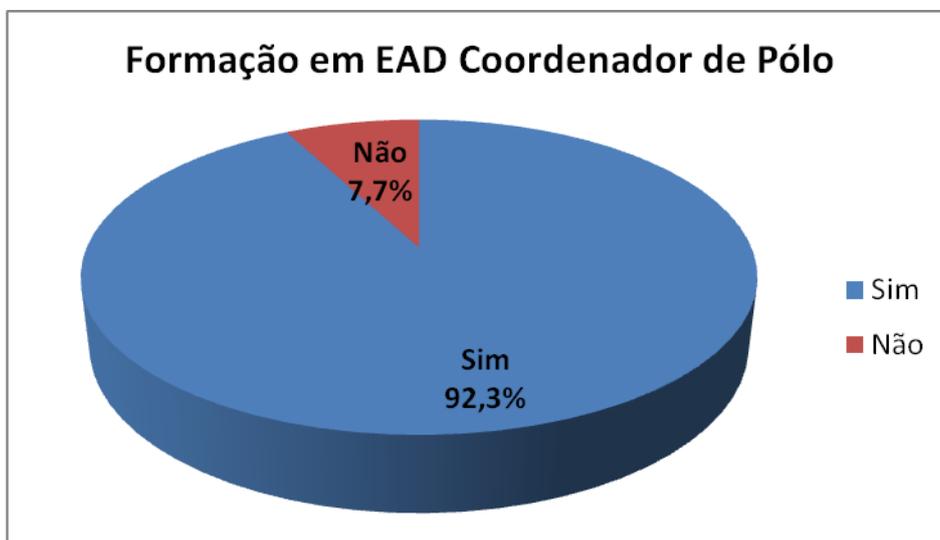


Figura 4: Demonstrativo da formação em EAD dos Coordenadores de Pólo.

Dos coordenadores entrevistados apenas um apresentou menos de um ano de experiência docente (7,7%), enquanto 53,9% possuíam de 5 a 10 anos e 38,5% acima de 12 anos de trabalho docente. Referente à experiência administrativa dos coordenadores de pólo, 61,6% apresentam entre quatro e cinco anos de trabalho. Tais coordenadores ocupam o cargo desde que seus respectivos pólos implantaram o ensino a distância. A maioria dos coordenadores (61,5%) possuía carteira assinada pela IES. Destes, 61,6% dedicavam entre 40 e 44 horas semanais para seu trabalho e com as atividades do pólo.

5.5– Chefe da Secretaria

Dos 13 chefes de secretaria estudados apenas 15,4% não são graduados. Sendo que as graduações mais encontradas foram pedagogia e história, ambas com 23,1% cada uma (Figura 5).

⁷ Considerou-se formação específica em EAD, cursos da área com carga horária superior a 40 horas.

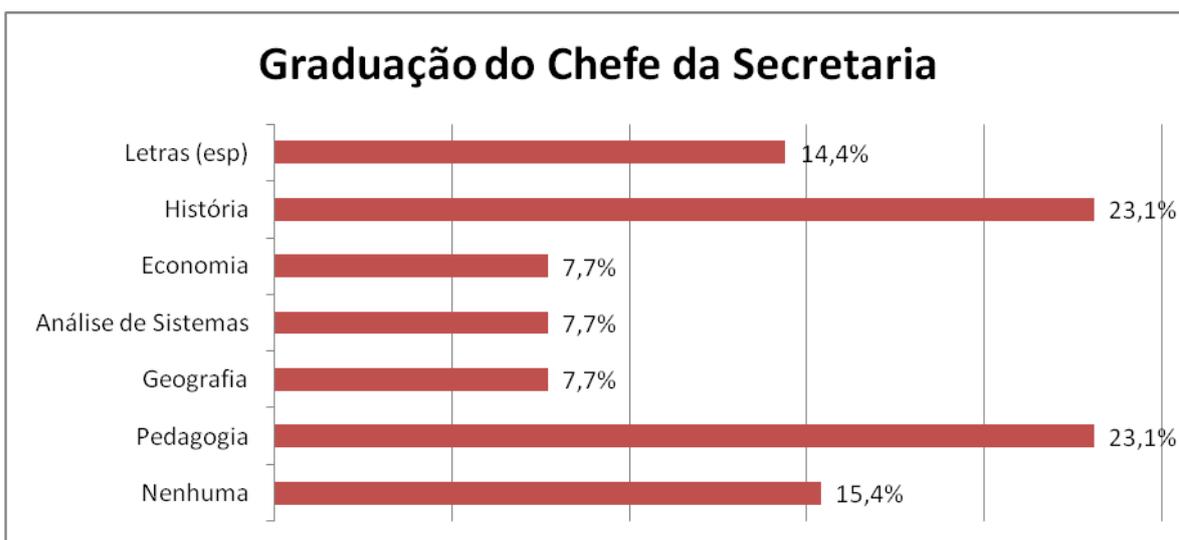


Figura 5: Demonstrativo da formação ao nível de Graduação do Chefe da Secretaria.

No que se refere a pós-graduação à nível de especialização 53,9% destes são especialistas, sendo que os cursos mais encontrados foram EAD e Gestão de Pólos, ambos com 23,1% cada um (Figura 6).

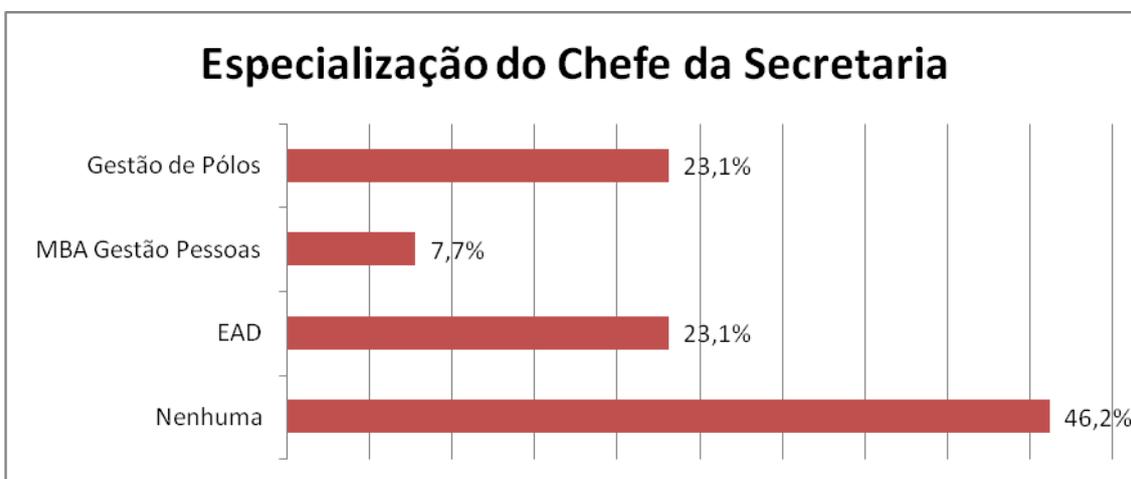


Figura 6: Demonstrativo da formação ao nível de Especialização do Chefe da Secretaria.

5.6 – Tutores

Todos os pólos visitados utilizam em sua metodologia de trabalho tutores presenciais. Foi pesquisado um total de 52 tutores, dos quais 100% tem formação em nível de graduação em diversas áreas.

Destes apenas 36% possuem graduação, enquanto 56% são especialistas e 8% são especialistas e mestres (Figura 7).

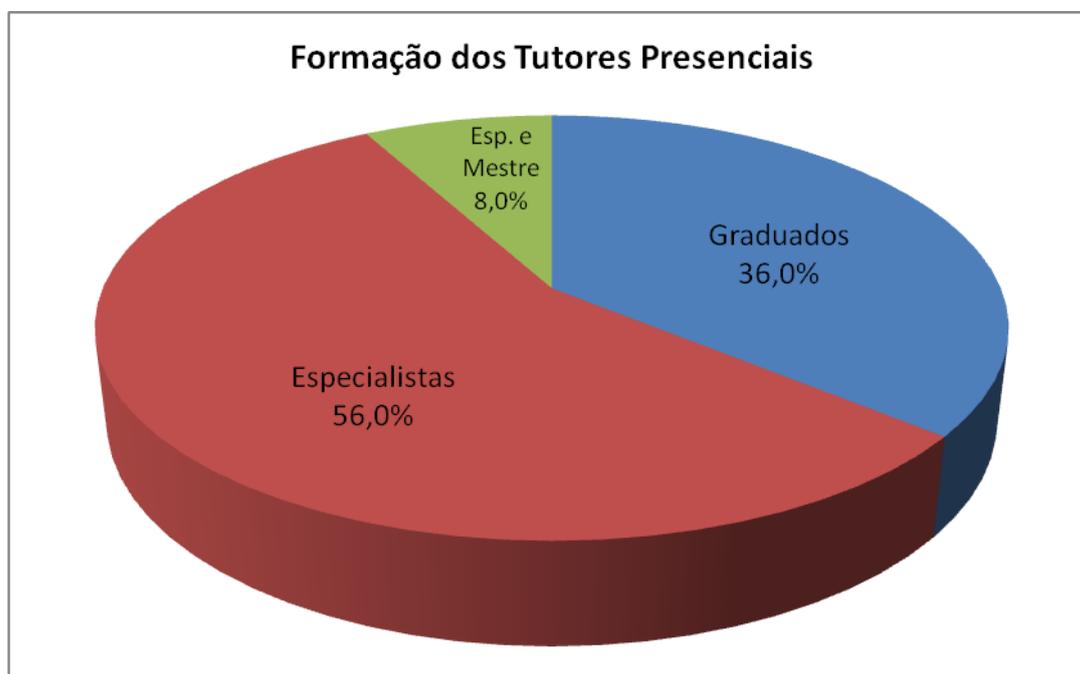


Figura 7: Demonstrativo da formação dos Tutores Presenciais.

A maior parte dos tutores que possuem somente graduação estão vinculados a polos da Unopar (Universidade do Norte do Paraná), instituição esta a ser a única que não oferece especialização gratuita a seus tutores, uma vez que todas as outras IES possuem programas de formação continuada que contemplam todos os envolvidos no processo.

Grande parte destes tutores (63,5%) é encarregado por até 50 estudantes, 25% atende entre 51 e 100 alunos e o restante (11,5%) atende acima de 100 alunos (Figura 8).

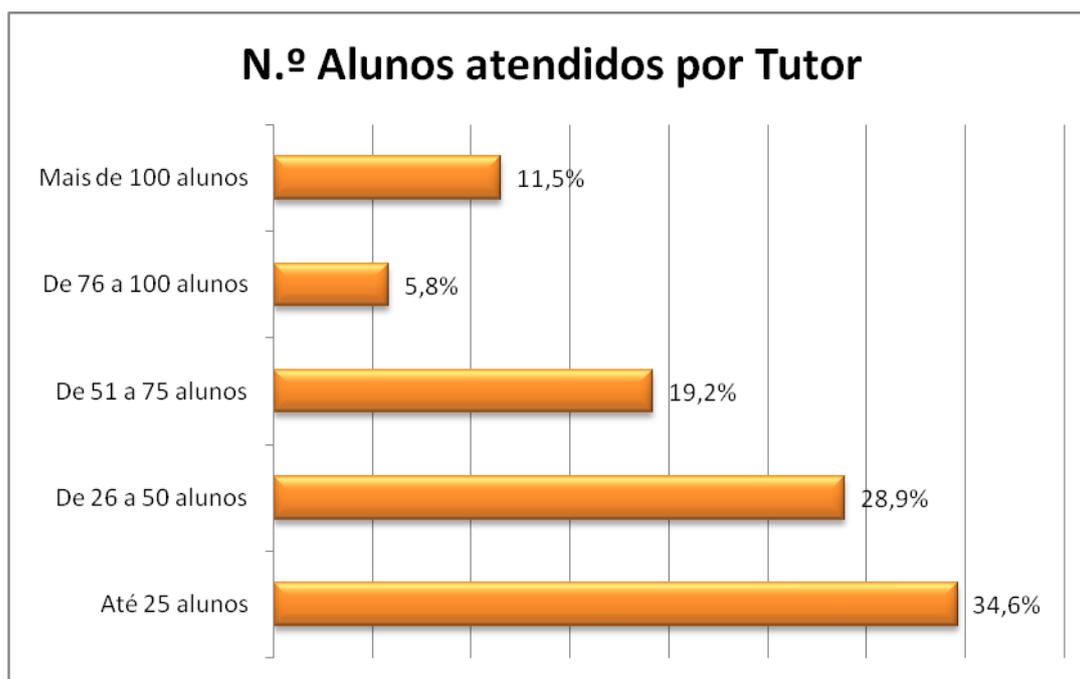


Figura 8: Demonstrativo do número de alunos atendidos por Tutor Presencial.

Observou-se que mesmo todos os tutores tendo formação de nível superior e grande parte sendo pós-graduado, pouco mais da metade (53,8%) encontram-se totalmente adequados, ou seja atendem a alunos de cursos compatíveis com sua formação, como por exemplo, um administrador sendo tutor de cursos de Administração e não um biólogo exercendo tal função.

5.7 – Chefe da Biblioteca

Todos os pólos possuíam uma pessoa responsável pela biblioteca, que pode ser chamado de Chefe da Biblioteca. Destes 77% tinham formação em nível de graduação, porém apenas 15,4% eram graduados em Biblioteconomia, sendo que o restante eram pedagogos.

A maioria dos chefes de biblioteca também possuía especialização (69%) e, destes, 23,1% eram especialistas em Biblioteconomia.

5.8 – Estrutura Física do Pólo

De acordo com a Portaria Normativa n.º 2, de 10/01/1007, o ato de autorização de credenciamento para EAD requer que a Instituição de Ensino

Superior tenha acrescido a sua sede os endereços dos pólos presenciais, para fim de realização dos momentos presenciais obrigatórios. Segundo o Art. 2º, §1º:

“Polo de apoio presencial é a unidade operacional para o desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância...”.

Sendo assim o pólo de apoio presencial deve contar com itens básicos para atuar e são estes itens que foram pesquisados como veremos a seguir.

5.8.1 – Sala do Coordenador de Pólo

Esta sala serve para o coordenador desenvolver suas atividades referentes ao pólo e a Instituição de Ensino Superior e também para atendimento individualizado aos alunos.

Todos os pólos visitados contavam com sala para seus coordenadores, todas equipadas com mesa, cadeira, computador. Apenas um pólo não tinha impressora disponível ao coordenador.

5.8.2 – Sala para Tutoria

Esta sala é destinada ao atendimento de forma individual ao aluno feita pelo tutor. Dos pólos visitados, dois não possuíam nenhuma sala ou espaço destinado ao atendimento dos tutores a seus alunos.

Dos 11 pólos restantes, todas as salas de tutoria contavam com computador, mesa, cadeiras e impressoras.

5.8.3 – Espaço de Convivência

Este espaço é destinado à socialização entre os alunos, bem como entre alunos, tutores e funcionários.

Dos pólos visitados, apenas um não contava com nenhum espaço destinado à convivência.

5.8.4 – Secretaria Acadêmica

Este espaço é reservado ao atendimento geral aos alunos, para atividades como matrículas, rematrículas, solicitação e expedição de documentos.

Todos os pólos visitados contavam com secretaria acadêmica com todos os itens mínimos exigidos para um bom atendimento aos alunos.

5.8.5 – Laboratório de Informática

O laboratório de informática é um dos principais itens que garantem o sucesso do ensino a distância, já que grande parte das atividades realizadas pelos alunos é feita de forma *online* e muitos destes alunos não possuem computador com acesso à Internet em suas residências.

Todos os pólos visitados tinham laboratórios em ótimas condições, com acesso à Internet, computadores suficientes para o número de alunos que possuíam, sendo que apenas um laboratório não contava com impressora.

5.8.6 – Biblioteca

A biblioteca de um pólo de apoio presencial deve contar com itens básicos como:

- ✓ Acervo da bibliografia básica dos cursos ofertados;
- ✓ Acervo da bibliografia complementar dos cursos ofertados;
- ✓ Computador para cadastro do acervo;
- ✓ Espaço reservado para estudos individuais;
- ✓ Espaço reservado para estudos em grupo.

De todos os pólos visitados, apenas um não apresentou a bibliografia complementar de seus cursos. Os demais atenderam todos os itens necessários para um bom funcionamento.

5.8.7 – Sanitários e Acesso aos Portadores de Necessidades Especiais

Todos os pólos possuíam rampas de acesso e sanitários para Portadores de Necessidades Especiais, além de contar com sanitários masculinos e femininos em número suficiente para atender os alunos que possuíam.

5.9 – Alunos

Nos 13 (treze) pólos visitados, foram entregues 150 questionários a alunos, com o objetivo de identificar o índice de satisfação destes alunos com o método de ensino ao qual estão inseridos. Esta entrega se deu de forma aleatória, ou seja, nos dias que foram feitas as entrevistas com os gestores a pesquisadora entregou questionário para os alunos que tinham aulas naquele dia.

No total, 108 alunos responderam ao questionário, tendo variado de três a 22 por pólo e distribuídos em 15 cursos de graduação.

A maioria (68%) eram mulheres, na faixa de 23 a 27 anos (41%) e apenas 11% tinham mais de 40 anos.

Da amostra, 87% referiu trabalhar, sendo em atividades na área do curso em andamento (30%), em outra área (53%) e como estagiários (11%).

Cerca de dois terços dos entrevistados possuía renda familiar de até três salários mínimos, indicando que pessoas com menor poder aquisitivo são os maiores consumidores do ensino a distância.

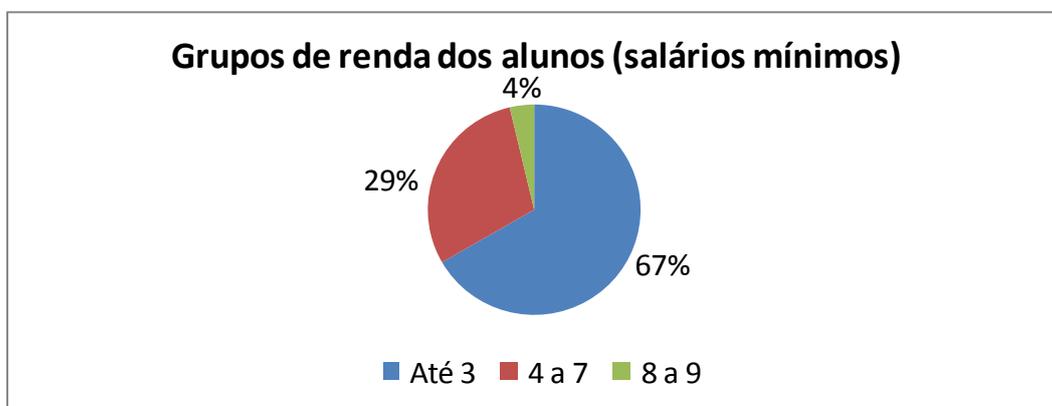


Figura 9: Demonstrativo do grupo de renda dos alunos.

A informação da origem escolar destes alunos apresentou-se de forma consistente com a renda familiar, pois 71% eram oriundos de escolas públicas no seu ensino médio.

Dos alunos entrevistados 96% esta cursando sua primeira graduação, o que pode ser outro indício de falta de acesso a educação.

Observou-se que a forma mais comum de ingresso no ensino superior ainda se faz através de processo seletivo (vestibular), sendo que este representou 94%, enquanto o PROUNI (Programa Universidade para Todos) representou apenas 3,7% e a matrícula especial⁸ apenas 1,9%

A maioria dos pólos deu início às suas atividades entre 2006 e 2007 (Figura 1), mais da metade dos alunos (57%) está entre o 3º. e o 6º. semestre de seu curso.

Apesar de se constituir em uma amostra de reduzido poder aquisitivo, 86% referiu ter computador em casa, com acesso à internet e 87% utiliza as dependências do pólo para a execução de suas tarefas. Isso poderia ser explicado pela disponibilidade de apoio dos tutores para tal, o que pode ser corroborado pelo fato da grande maioria dos entrevistados terem considerado a presença do tutor útil (32%) ou muito útil (64%).

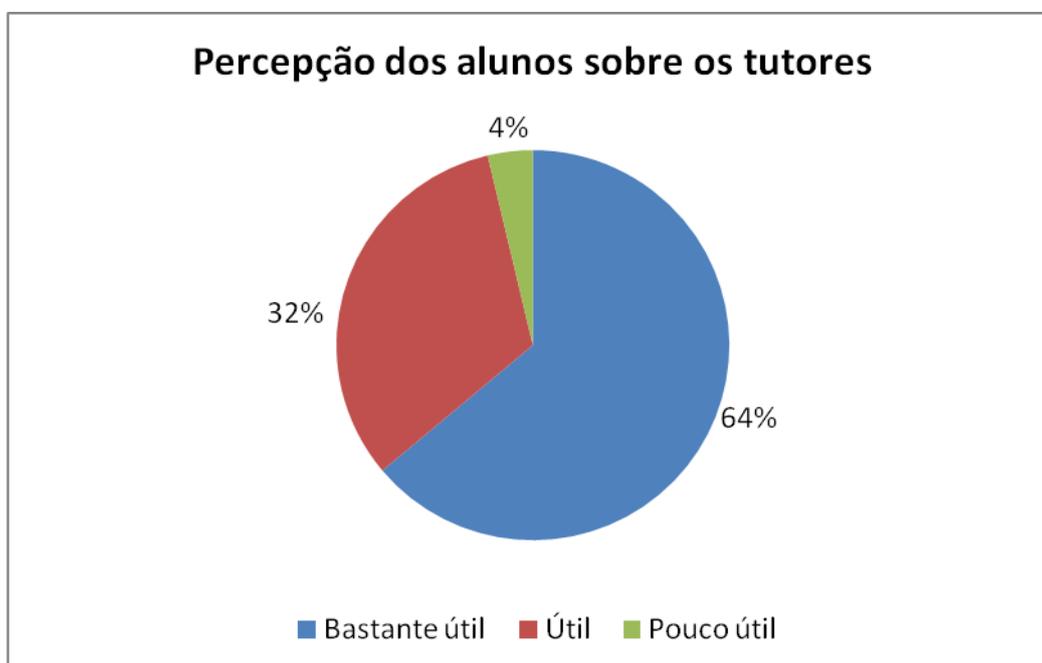


Figura 10: Demonstrativo da percepção dos alunos sobre os tutores presenciais.

⁸ Considerou-se matrícula especial alunos que ingressaram como portadores de título.

Pouco menos de 70% dedicam entre uma e duas horas diárias ao cumprimento das atividades acadêmicas. Considerando que este tempo é acrescentado ao tempo de atividades presenciais e que 98% dos alunos referiram pelo menos um encontro semanal, acredita-se que seja suficiente para um adequado aproveitamento.

5.9.1 – Satisfação com a IES

As Figuras 11 e 12 descrevem os níveis de satisfação dos alunos com a IES. Destaca-se que nenhum item avaliado na categoria “ótimo/bom” teve menos de 70% das respostas. O item com menor satisfação foi o prazo de correção de trabalhos e o melhor avaliado foi o material didático.

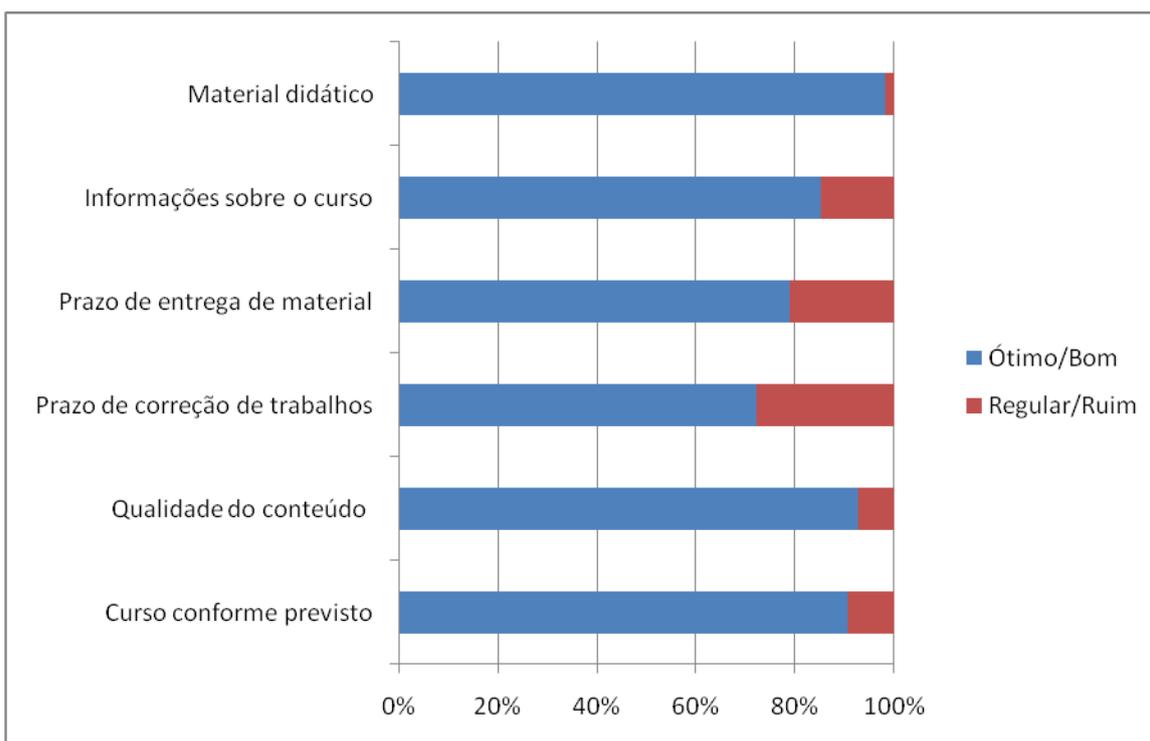


Figura 11: Demonstrativo do índice de satisfação dos alunos com as IES.

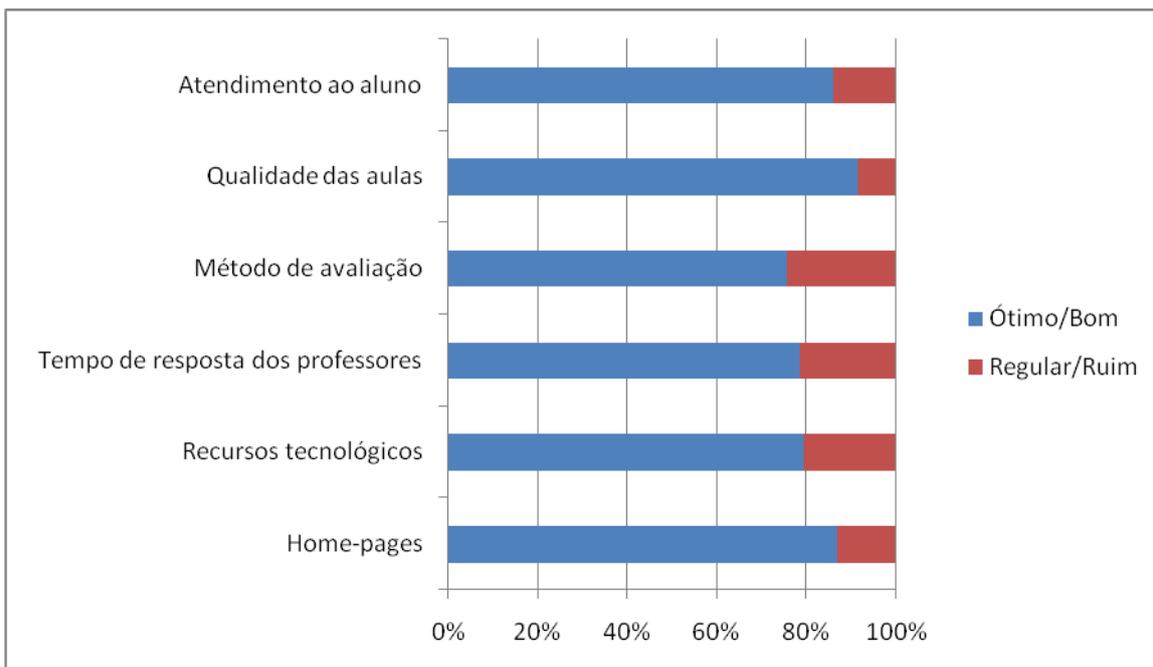


Figura 12: Demonstrativo do índice de satisfação dos alunos com as IES

5.9.2 – Satisfação com o pólo

A Figura 13 descreve os níveis de satisfação dos alunos com o pólo onde estudam. Dos oito itens, os com maior proporção de opinião “regular/ruim” forma os horários de atendimento e a atenção individualizada.

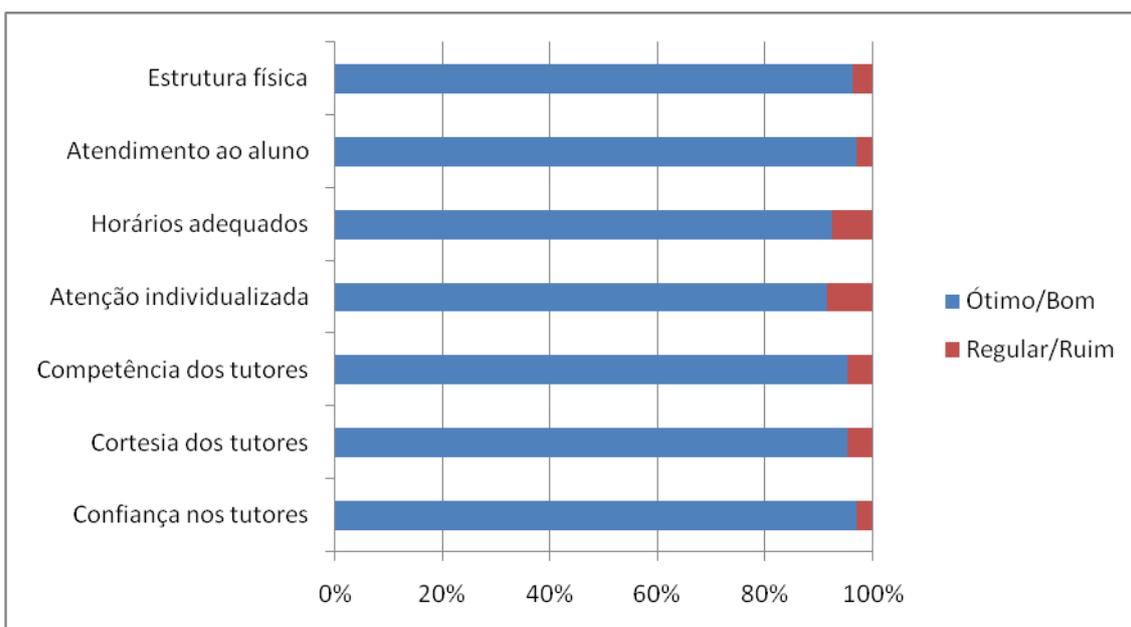


Figura 13: Demonstrativo da satisfação dos alunos com o Polo de Apoio Presencial.

5.9.3 – Satisfação Geral

A Figura 14 descreve, para cada pólo, os níveis médios de satisfação, aferida em uma escala de zero a dez, para dois aspectos: a qualidade geral do curso e o retorno esperado em relação aos gastos efetuados. As IES Anhanguera de Pelotas e Rio Grande e UCB de Pelotas foram as mais bem avaliadas nos dois quesitos, com médias superiores ou iguais a nove.

Deve-se destacar que, para o conjunto dos pólos, nenhum deles foi avaliado com médios inferiores a sete, o que depõe a favor da estratégia educacional.

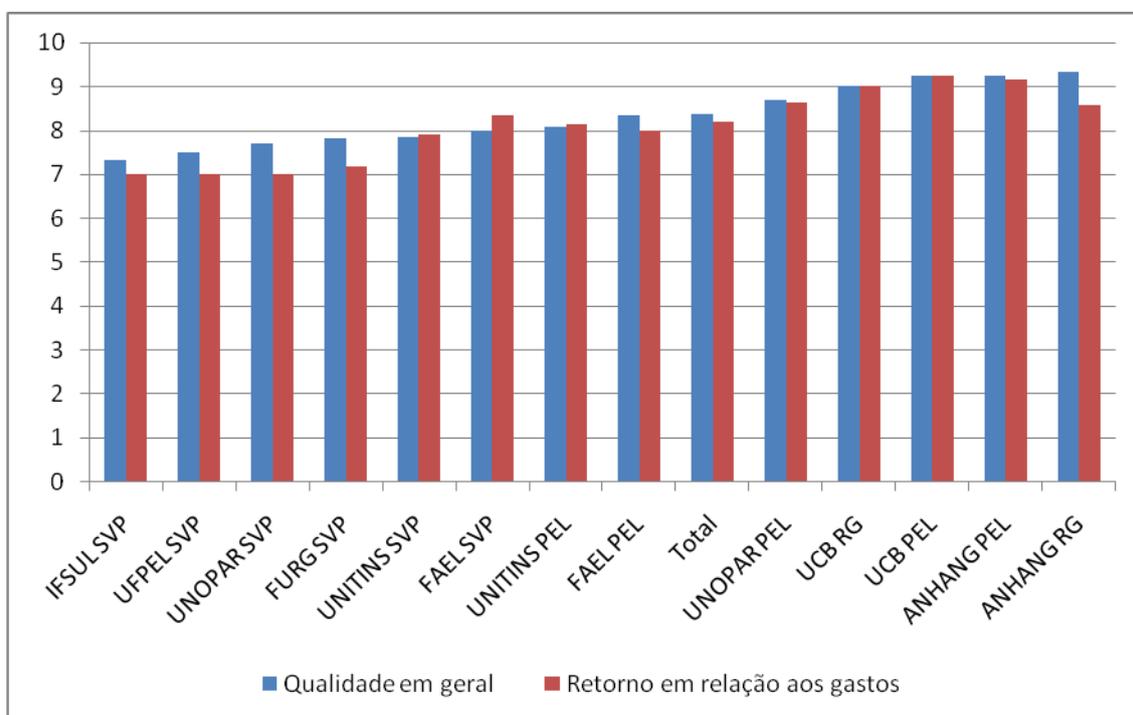


Figura 13: Demonstrativo do índice de satisfação geral dos alunos.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada demonstrou que, embora a educação a distância seja um tema de grande complexidade, tanto do ponto de vista teórico, quanto pela sua subjetividade, foi relevante estudá-la para compreensão dos fenômenos que envolvem o contexto profissional. E, também, para não se fazer uma avaliação ingênua sem compreender os fenômenos decorrentes do modelo capitalista e suas conseqüências na sociedade e na educação.

Verificou-se que o ensino a distância teve sua “explosão” entre os anos de 2006 e 2007 (62% dos pólos visitados deram início às suas atividades neste período), o que demonstra tratar-se de uma modalidade muito recente de ensino. Talvez, isto justifique as poucas pesquisas realizadas até o momento sobre o assunto.

O estudo demonstrou que a influência do ensino presencial ainda se faz de forma muito marcante na educação a distância, uma vez que todas as Instituições de Ensino Presencial pesquisadas utilizam-se de pelo menos um encontro presencial por semana, além de contar com a figura do tutor em sala de aula, fato este que pode nos remeter a figura do nosso conhecido professor.

Outra evidência deste fato foi possível constatar quando 32% dos alunos consideraram o tutor útil e 64% o consideraram muito útil nos encontros presenciais.

Os resultados da pesquisa apontaram que os agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem da EAD são capacitados e qualificados para a função que exercem, uma vez que todos os coordenadores de pólo e tutores eram graduados, além de contarmos com 56% dos tutores especialistas e 8% mestres.

Referente a estrutura física dos pólos todos encontraram-se em boas condições de funcionamento, mas é de fundamental importância destacar que 100% dos pólos visitados ofereciam toda estrutura necessária para um ótimo atendimento a portadores de necessidades especiais.

De forma geral os alunos demonstraram-se satisfeitos com a educação que recebem tanto por parte das Instituições de Ensino Superior

quanto por parte dos Pólos de Apoio Presencial. Destes, todos avaliaram de maneira geral as contribuições dos cursos que freqüentam com nota superior a sete, em uma escala de 0 a 10.

Os dados verificaram que dois terços dos alunos do ensino a distância possuem renda familiar de até 3 salários mínimos, indicando que pessoas com menor poder aquisitivo são os maiores consumidores da EAD.

Sendo assim pode-se considerar que se existirem políticas sociais que se utilizem do ensino a distância para inclusão na área educacional, como é o caso da UAB (Universidade Aberta do Brasil), podemos diminuir significativamente a marginalização educacional existente atualmente em nosso país, acarretando conseqüentemente uma maior inclusão digital da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, João Roberto Moreira. *A educação a distância no Brasil: síntese histórica e perspectivas*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, 1994.

ALVES, João Roberto Moreira. *Educação a Distância e as Novas Tecnologias de Informação e Aprendizagem*. Programa Novas Tecnologias na Educação, 1998. Disponível em: <http://www.engenheiro2001.org.br/programas/980201a1.htm>.

_____. *Recursos humanos para educação a distância*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, 1999. 124 p.

BABIN, P. (1991). *Langage ET Culture dês Médias*, Paris, Ed. Universitaires.

BABIN, Pierre, KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

BATES, A. W. Educational aspects of the telecommunications revolution. In: IFIP TC3, THIRD CONFERENCE. Trondheim, Norway, 1993.

_____. *Technology, open Learning Distance Education*. New York: Routledge, 1995. P. 19-32.

BARROS, D. M. V. *Educação a distância e as novas demandas ocupacionais*. Educar, Curitiba, n. 21, p. 45-65. 2003. Editora UFPR.

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 1999. 115 p.

BILLINGS, D.M. A conceptual model of correspondence course completion. In: MOORE, Michel G., KEARSLEY, Greg. Distance education: a systems view. Belmont (USA) : Wadsworth Publishing Company, 1996.

BRASIL. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.393, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

BEHRENS, Marilda Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 8. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

CHERMANN, M.; BONINI, L. M. *Educação a distância: novas tecnologias em ambientes de aprendizagem pela internet*. São Paulo: Universidade Braz Cubas, 2000. 80 p.

FERREIRRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910 – 1989. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*; coordenação de edição Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos... [et al.]. – 6. ed. rev. Atualiz. – Curitiba : Positivo, 2004. 896 p.

FIDALGO, F.; MACHADO, L. *Dicionário da educação profissional*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos Sobre o Trabalho e a Educação, 2000. 414 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.

FROMM NETTO, S. *Telas que ensinam: mídia e aprendizagem do cinema ao computador*. Campinas: Alínea, 1998. 211 p.

ARETIO, Lorenzo Garcia. Educación a distancia hoy. In: LANDIM, Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira. *Educação à distância: algumas considerações*. Rio de Janeiro: Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira Ladim, 1997.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 1994.

GONÇALVES, C. T. F. Quem tem medo do ensino a distância. *Educação a distância*, n.7-8. INED/IBASE. Disponível em: <http://www.intelecto.net/ead/consuelo.html>. Acesso em: março 2010.

GUARANYNS, L. R. dos; CASTRO, C. M. *O ensino por correspondência: uma estratégia de desenvolvimento educacional no Brasil*. Brasília: IPEA, 1979.

GUNAWARDENA, C. Hillman, D., Willis, D. Learner-interface interaction in distance education: na extension of contemporary models and strategies for praticioners. In: HOFFMAN, Jeff, MACKIN, Denise. *The learner interaction model for the design of interactive television*. 1997 URL: <http://www.cta.doe.gov>. (acessado em 01.09.2008)

GIBSON, William. *Neuromancer*. 3ª ed. São Paulo: Aleph, 2003.

HEIDE, Ann, STILBORNE, Linda. *Guia do professor para a internet: completo e fácil*. Trad. Edson Furmankiew. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

HOLMBERG, Börje. *Educación a distancia: situación y perspectivas*. Buenos Aires (Argentina): Editorial Kapelusz, 1981.

IANNE, O. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JONASSEN, David. *Computers in the classroom*. Mindtools for critical thinking. Columbus: Prentice Hall, 1996.

KEEGAN, D. *Foundations of distance education*. 2ª ed. Londres: Routledge, 1991.

LÉVY, Pierre. *A máquina do universo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. *Tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. *O que é virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora: novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 1998.

LITWIN, E. (Org.). *Educação a Distância: temas para debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LOBO NETO, Francisco José da Silveira. Comunicação e Educação para a Cidadania: A certeza de nossas dúvidas. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro: v. 23, n. 126, p. 44-45, set./out., 1995.

MILLER, Gary. Long-term trends in distance education. *DEOSNEWS*, v.2, n. 23. 1992.

MOORE, Michael. Teoria da Distância Transacional. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*. 30/8/2009. Disponível em [HTTP://www.abed.org.br/publique](http://www.abed.org.br/publique).

_____. On a Theory of Independent Study. In Sewart, D., D. Keegan, and B.Holmberg, (eds) (1983) *Distance Education: International Perspectives* London: Croom Helm. 1983.

MOORE, M. e KEARSLEY, G. *Distance Education: A Systems View*, Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1996.

MORAN, José Manuel. Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento. *Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, v. 17, n. 2, jul./dez. 1994. URL: <http://www.eca.usp.br/eca.prof/moran>. Acesso em: 4 out. 2009.

_____. *Avaliação do Ensino Superior a Distância no Brasil*. São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/avaliacao.htm>. Acesso em: 7 dez. 2009.

_____. *Educação inovadora presencial e a distância*. São Paulo, 2004. Disponível em http://www.eca.usp.br/prof/moran/inov_1.htm. Acesso em 30 out. 2009.

NISKIER, A. *Educação a distância: a tecnologia da esperança*: São Paulo: Loyola, 1999.

NUNES, I. B. Noções de educação a distância. Brasília. I.N.E.D. Revista Educação á Distância, Brasília, Instituto Nacional de Educação a Distância, rev. INED/UnB-CEAD, 03 (04/05) PP.07-25, Dez/93-Abr/94.

_____ Disponível na internet em 10/11/2008:

<http://www.ibase.org.br/~ined/ivonio1.html>

OLIVEIRA, J.B.A., OLIVEIRA, M.R. *Tecnologia instrucional*. São Paulo: Pioneira, 1975.

PETERS, Otto. In: NUNES, Ivônio B. *Noções de educação a distância*. 1992.
URL: <http://www.ibase.org.br/~ined/ivoniol.html>. (acessado em 25.02.2008)

RAMAL, A. C. *Educação na Cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre; Artmed, 2002.

ROSENBERG, M. J. (2001) – E-learning: strategies for delivering knowledge in the digital age. McGraw-Hill. 243p.

SANDHOLZ, Judith Haymoré; RINGSTAFF, Cathy; DWYER, David. *Ensinando com tecnologia*. Criando salas de aula centradas nos alunos. 1997. Porto Alegre; Artmed.

VALENTE, A. B. *Como o computador é dominado pelo adulto*. Caderno de Pesquisa (65): 30-47, maio de 1998.

VISSER, Jan. Learning without frontiers: beyond open and distance learning. In: WORLD ICDE CONFERENCE, 18 th. Proceedings. Pennsylvania: Pennsylvania State University, 1997.

VISSER, Lya; Systemic motivacional support in distance education. In: WORLD ICDE CONFERENCE, 18 th. Proceedings. Pennsylvania: Pennsylvania State University, 1997.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

Perguntas referente ao Pólo de Apoio Presencial:

I – Enquadramento do estudo de caso

1. Há quanto tempo existe o projeto de educação a distância?
2. Quais os objetivos pretendidos com a implementação do ensino a distância?
3. Quais as áreas dos cursos a distância lecionados?
4. Existem parcerias com outras instituições? Com qual (ais)?

Número do questionário: _____
1 – Nome do Polo Presencial: _____
2 – Instituição de Ensino Superior que atua no Polo Presencial: _____
3 – Há quanto tempo existe o projeto de educação a distância? _____
4 – Quais as áreas dos cursos a distância lecionados? _____
5 – Quais os objetivos pretendidos com a implementação do ensino a distância? _____

6 – Cursos oferecidos no Polo Presencial:	
Curso 1: _____	habilitação: _____
N.º de Alunos: __ __	
Curso 2: _____	habilitação: _____
N.º Alunos: __ __	
Curso 3: _____	habilitação: _____
N.º Alunos: __ __	
Curso 4: _____	habilitação: _____
N.º Alunos: __ __	
Curso 5: _____	habilitação: _____
N.º Alunos: __ __	
Curso 6: _____	habilitação: _____
N.º Alunos: __ __	
Curso 7: _____	habilitação: _____
Alunos7: __ __	
Curso 8: _____	habilitação: _____
N.º Alunos: __ __	
Curso 9: _____	habilitação: _____
N.º Alunos: __ __	
Curso 10: _____	habilitação: _____
N.º Alunos: __ __	

7 – Formação acadêmica do Coordenador do Polo:	
Graduação: _____	() Nenhuma
Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____	() Nenhuma
Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____	() Nenhuma
7.1 Formação específica em EAD:	
() Não () Sim, qual? _____	
8 – Experiência acadêmica do Coordenador do Polo:	
8.1 – Tempo de experiência docente: ___ __ anos	() menos de 1
8.2 – Tempo experiência administrativa: ___ __ anos	() menos de 1
9 – Tem carteira assinada pela IES?	
() Não () Sim	
10 – Quantas horas por semana o coordenador dedica ao pólo?	
___ __ horas	
11 – Formação acadêmica do Chefe da Secretaria:	
Graduação: _____	() Nenhuma
Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____	() Nenhuma
Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____	() Nenhuma
12 – Formação acadêmica do Auxiliar da Secretaria:	
Auxiliar 1: _____	
Graduação: _____	() Nenhuma
Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____	() Nenhuma
Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____	() Nenhuma
Auxiliar 2: _____	
Graduação: _____	() Nenhuma
Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____	() Nenhuma

Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma
13 – Qual a formação acadêmica, o curso atendido e o nº de alunos atendidos pelos tutores: Tutor 1: _____ Quantos cursos atende? ___ ___ Cursos que atende: _____ N.º alunos que atende: ___ ___ Graduação: _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma Formação específica em EAD: () Não () Sim. Qual: _____
Tutor 2: _____ Quantos cursos atende? ___ ___ Cursos que atende: _____ N.º alunos que atende: ___ ___ Graduação: _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma Formação específica em EAD: () Não () Sim. Qual: _____
Tutor 3: _____ Quantos cursos atende? ___ ___ Cursos que atende: _____ N.º alunos que atende: ___ ___ Graduação: _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma Formação específica em EAD: () Não () Sim. Qual: _____

<p>Tutor 4: _____</p> <p>Quantos cursos atende? __ __</p> <p>Cursos que atende: _____</p> <p>N.º alunos que atende: __ __</p> <p>Graduação: _____ () Nenhuma</p> <p>Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____ () Nenhuma</p> <p>Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma</p> <p>Formação específica em EAD: () Não () Sim. Qual: _____</p>
<p>Tutor 5: _____</p> <p>Quantos cursos atende? __ __</p> <p>Cursos que atende: _____</p> <p>N.º alunos que atende: __ __</p> <p>Graduação: _____ () Nenhuma</p> <p>Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____ () Nenhuma</p> <p>Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma</p> <p>Formação específica em EAD: () Não () Sim. Qual: _____</p>
<p>14 – Qual a formação acadêmica do chefe da biblioteca do polo?</p> <p>Graduação: _____ () Nenhuma</p> <p>Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____ () Nenhuma</p> <p>Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma</p>
<p>15 – Qual a formação acadêmica do auxiliar da biblioteca do pólo?</p> <p>Auxiliar de Biblioteca 1: _____</p> <p>Graduação: _____ () Nenhuma</p> <p>Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____ () Nenhuma</p> <p>Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma</p>
<p>Auxiliar de Biblioteca 2: _____</p> <p>Graduação: _____ () Nenhuma</p> <p>Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____ () Nenhuma</p>

Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma
16 – Qual a formação acadêmica do responsável pelo laboratório de informática? Graduação: _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma
17 – Qual a formação acadêmica do gerente de rede do pólo? Graduação: _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma
18 – Qual a formação acadêmica do monitor do laboratório de informática do pólo? Monitor de Informática 1: _____ Graduação: _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma
Monitor de Informática2: _____ Graduação: _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>lato sensu</i>): _____ () Nenhuma Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>): _____ () Nenhuma
19 – Existe algum laboratório especializado no pólo? () Não () Sim, Qual? _____
20 – Quantos aparelhos de TV possui o pólo? ___ TV () Nenhuma

<p>21 – Quantos aparelhos de DVD possui o pólo? ___ ___ DVD () Nenhum</p>
<p>22 – O pólo possui <i>site</i> próprio? () Não () Sim, endereço: _____</p>
<p>23 – Quantos microcomputadores possui o pólo (disponíveis ao uso dos alunos)? ___ ___ Microcomputadores () Nenhum</p>
<p>24 – O pólo possui equipamentos para vídeo conferência? () Não () Sim, quais? _____</p>
<p>25 – Quantas impressoras possui o pólo? ___ ___ Impressoras () Nenhuma</p>
<p>26 – O pólo utiliza alguma biblioteca virtual? () Não () Sim. Qual? _____</p>
<p>27 – Quantas salas de aula o pólo possui? ___ ___ Salas () Nenhuma</p>
<p>28 – O pólo possui uma sala destinada à coordenação de pólo? () Não () Sim</p> <p>SE SIM</p> <p>28.1 – Possui aparelho telefônico? () Não () Sim</p> <p>28.2 – Possui computador com kit multimídia? () Não () Sim</p> <p>28.3 – Possui impressora? () Não () Sim</p> <p>28.4 – Possui mesa de escritório e cadeira para o coordenador? () Não () Sim</p> <p>28.5 – Possui cadeira(s) para atendimento ao(s) aluno(s)? () Não () Sim</p>

33.4 – Kit multimídia	() Não () Sim
33.5 – No-break	() Não () Sim
33.6 – Acervo da bibliografia básica do curso	() Não () Sim
33.7 – Acervo da bibliografia complementar do curso	() Não () Sim
33.8 – Periódicos especializados (impressos ou informatizados)	() Não () Sim
33.9 – Instalações para estudos individuais	() Não () Sim
33.10 – Instalações para estudos em grupo	() Não () Sim
34 – O pólo conta com sanitário específico para Portadores de Necessidades Especiais? () Não () Sim	
35 – O pólo possui instalações sanitárias:	
35.1 – Masculinas	() Não () Sim
35.2 – Femininas	() Não () Sim
36 – O pólo possui rampas de acesso aos PNE? () Não () Sim	

ANEXO II

QUESTIONÁRIO DE SATISFAÇÃO DOS ALUNOS

01 – Instituição de Ensino: _____

02 – Forma de Ingresso

() Vestibular () Enem () Matrícula especial () Transferência externa

Outro: _____

03 – Qual a sua idade?

() Até 23 () 24 a 27 () 28 a 31
() 32 a 35 () 36 a 40 () acima de 40

04 – Qual a renda familiar da sua família no mês passado?

() Até 3 salários () 4 a 7 salários mínimos
() 8 a 9 salários () Acima de 10 salários

05 – Onde você fez seu ensino médio?

() Só em escola particular
() Só em escola pública
() Nos dois tipos de escola

06 – Há quanto tempo você é um(a) aluno(a) de graduação na modalidade EAD? __ anos e __ __ meses

07 – Seu curso é

() Bacharelado () Licenciatura () Tecnólogo Superior

Qual: _____

08 – Você desempenha alguma atividade profissional remunerada?

() Sim, na área do curso que freqüento.

Sim, em área diferente do curso que frequento.

Estagiário(a).

Não desempenho atividade profissional.

09 – Qual a frequência e encontros presenciais do seu curso?

1 encontro por semana 2 encontros por semana

3 a 4 encontros por semana Não há encontros presenciais.

10 – É a sua 1ª graduação?

Sim Não

11 – Você possui computador com internet em sua residência?

Sim Não

12 – Como você desenvolve suas atividades acadêmicas no ambiente virtual?

No pólo Sim Não

Na minha residência Sim Não

No meu trabalho Sim Não

Lan-house Sim Não

13 – Qual o tempo dedicado para o desenvolvimento das atividades acadêmicas? ___ ___ horas por dia menos de uma hora por dia

14 – Na sua opinião, qual a importância do tutor nos encontros presenciais?

É bastante útil Pouco útil

É útil Desnecessário

Relativamente aos aspectos abaixo, assinale suas respostas, utilizando uma escala de 5 pontos, variando de “ótimo” (1) a “péssimo” (5):

(1) ótimo (2) bom (3) regular (4) ruim (5) péssimo

Em relação a...	1	2	3	4	5
1- Fornecer o curso conforme o prometido					
2- Apresentar corretamente o conteúdo					
3- Solucionar suas dúvidas					
4- Correção dos trabalhos no prazo determinado					
5- Entrega do material didático no prazo determinado					
6- Mantê-lo bem informado sobre o curso					
7- Demonstrar interesse em ajudá-lo					
8- Tutores que inspiram confiança					
9- Tutores sempre corteses com os alunos					
10- Fazer com que você se sinta seguro durante as aulas					
11- Tutores capazes de dar respostas corretas às suas dúvidas					
12- Dispensar uma atenção individualizada aos alunos					
13- Levar em consideração as sugestões apresentadas pelos alunos					
14- Atender os alunos em horários convenientes					
15- Utilizar material didático de boa apresentação					
16- Homepages atraentes e claras para suporte ao aluno					
17- Recursos tecnológicos utilizados no curso (chat, fóruns, AVA, Moodle etc)					

18- Tempo de resposta dos professores aos alunos, referente às suas dúvidas					
19- Método de avaliação					
20- Qualidade das aulas em relação a avaliação aplicada pela IES					
21- Serviço de atendimento fornecido ao aluno pelo pólo					
22- Serviço de atendimento fornecido ao aluno pela IES					
23- Estrutura física das instalações do pólo					

Pensando no curso como um todo, avalie o valor que você está obtendo em relação a seus gastos (tempo, esforço, dinheiro etc)

Baixo valor	2	3	4	5	6	7	8	9	Alto valor
-------------	---	---	---	---	---	---	---	---	------------

Como você avalia a qualidade de forma geral seu curso

Extremamente RUIM	2	3	4	5	6	7	8	9	Extremamente BOM
-------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	------------------